

EVANGELHOS DE LUCAS E JOÃO



ENCONTRO
COM A PALAVRA

CAPÍTULO 01

“Visão Panorâmica do Evangelho de Lucas”

O autor do Evangelho de Lucas não era judeu nem um dos doze apóstolos de Jesus. Ele era grego e escreveu seu Evangelho para outro homem grego. Estudiosos acreditam que Lucas, na pesquisa para escrever este evangelho, tenha usado informações da mãe de Jesus, de Tiago, Seu irmão e de outras testemunhas. Paulo se referiu a Lucas como seu “amado médico” e companheiro de viagem. É muito provável que Lucas tenha viajado com Paulo para tratar das consequências físicas do “espinho na carne” de que sofria o apóstolo (II Coríntios 12 Paulo). Paulo referiu-se a Lucas três vezes em suas cartas: em Colossenses 4:14, II Timóteo 4:11 e Filemon 24.

Além de autor deste Evangelho, Lucas é também o autor do Livro de Atos, ambos escritos a Teófilo, cujo nome significa “aquele que ama a Deus”. Por isso, alguns estudiosos afirmam que esses dois livros foram endereçados a todos aqueles que amam a Deus; enquanto outros acreditam que Teófilo tenha sido de fato um conhecido de Lucas.

Lucas era um homem com excelente formação, e se fosse nosso contemporâneo, poderia ser considerado um cientista da atualidade. Ele usou mais termos médicos do que Hipócrates, o “pai da me-

dicina moderna” e demonstrou dominar a gramática grega melhor do que todos os outros autores do Novo Testamento, inclusive Paulo. Foi um autor talentoso e um historiador minucioso.

Quando Lucas relata as viagens missionárias de Paulo, ora o faz usando o pronome “eles”, ora usa o pronome “nós”, o que faz crer que ele tenha acompanhado Paulo em suas viagens missionárias. Paulo afirma na carta aos coríntios que Deus não chama para salvação aqueles que o mundo considera sábios (cf. I Coríntios 1:26-29). Entretanto ele e Lucas foram exceção a essa regra, o que pode explicar o estreito relacionamento entre os dois.

Lucas relatou vinte milagres de Jesus, dos quais, seis estão registrados apenas no seu Evangelho; das vinte e três parábolas que registrou, dezoito também se encontram apenas no seu Evangelho.

O Evangelho de Lucas é o preferido de muitas pessoas porque nele Cristo é descrito como o ser humano solidário, que se identificava e se importava com o homem. Na condição de médico, Lucas tinha uma consciência social muito forte e descreveu Jesus Cristo como tendo também essa característica. Sempre enfatizando o lado humano, Lucas conta que Marta ficou contrariada por Maria não a ter ajudado nos preparativos do jantar servido para Jesus (cf. 10:38-42). Sob uma ótica precisa e com a sensibilidade de médico, Lucas foi o único

dos quatro evangelistas que registrou com detalhe, o episódio em que Pedro nega Jesus, dizendo que os olhos de ambos se encontraram exatamente no momento em que o galo cantou, após Pedro ter negado Jesus pela terceira vez (cf. 22:60-61).

Em todo o Evangelho de Lucas vemos o toque humano de Jesus. Fazendo-se um levantamento de tudo o que ele fala sobre Jesus, obtemos um retrato exato do Senhor: o Filho de Deus e o Filho do Homem, como Ele realmente era e é. A mensagem do terceiro Evangelho se refere ao lado humano do Deus-Homem. A ênfase é que este Homem, que era Deus, se identificou com a nossa humanidade.

Como historiador exigente e excelente escritor, Lucas fez um relato preciso para o amigo Teófilo, de quem estou convencido que era uma pessoa importante, que amava a Deus e era amado por Lucas (cf. 1:3). Na introdução do único livro histórico do Novo Testamento, ele descreveu o terceiro Evangelho como um relato de *“todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar até o dia em que foi elevado às alturas”* (Atos 1:1-2).

Dos autores dos Evangelhos este historiador inspirado foi o que forneceu mais detalhes da vida de Jesus Cristo, desde o Seu nascimento até o início do Seu ministério aos trinta anos. Os primeiros dois capítulos dedicam cento e trinta e dois versículos que quebram um silêncio existente nos outros

Evangelhos. O Evangelho de Lucas é um relato histórico e preciso de tudo o que Jesus fez e ensinou, desde o Seu nascimento até Sua ascensão. Muitos estudiosos são unânimes em afirmar que o versículo chave deste Evangelho é: *“Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”* (19:10).

CAPÍTULO 02

“Pensamento de Natal”

De acordo com Lucas, quando Deus dividiu a história da humanidade tomando a forma de homem, Ele convidou algumas pessoas para participar do Seu grande milagre. Apesar de terem sido poucas as pessoas, cada uma delas deixou algo para nos ensinar através do seu exemplo.

A Virgem Maria

O anjo Gabriel visitou Maria, uma virgem que estava noiva de um homem chamado José. Gabriel anunciou a Maria as coisas que tinha anunciado ao sacerdote Zacarias, pai de João Batista: que Deus ia se tornar homem. O sacerdote não creu no que lhe disse o anjo e por causa da sua incredulidade, ficou mudo e nada pode falar a respeito desse milagre, até que ele acontecesse. O anjo Gabriel contou a Maria que ela conceberia e no seu ventre se desenvolveria o Filho de Deus. Maria perguntou ao anjo: *“Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?”* (1:34).

Apesar de Maria ter perguntado ao anjo como aconteceria aquele nascimento virginal, não houve nela a mesma incredulidade de Zacarias. O sacerdote não creu no nascimento milagroso do seu filho. Maria não duvidou, apenas perguntou como Deus faria para que aquele nascimento acontecesse. Na verdade Maria só creu nas palavras do anjo, quando Isabel lhe disse: *“Bem-aventurada a que creu, porque serão cumpridas as palavras que lhe foram ditas da parte do Senhor”* (45).

A Fé dos Pastores

Anjos apareceram para alguns pastores que cuidavam dos seus rebanhos e lhes deram as Boas Novas do nascimento de Cristo (cf. 2:10-11). A Boa Nova anunciada pelos anjos era para todo mundo. Depois de receber essa mensagem, antes e depois de terem visto o milagre, os pastores contaram a todos o que os anjos lhes tinham anunciado.

Você já se perguntou por que Deus contou aos pastores a respeito do milagre do primeiro Natal? Todos a quem Deus anunciou esse milagre tiveram nele papel importante e o fato de Deus ter-lhes contado é porque era necessário que eles soubessem. O sacerdote e sua esposa Isabel, pais de João Batista, precisavam saber. Maria e José precisavam saber e creram, mas Maria *“guardava todas estas palavras, meditando-as no coração”* (19).

Os pastores, por sua vez contaram a todo mundo o

que tinham visto e ouvido, antes e depois de verem o milagre acontecer. Deus inclui os pastores nesse grande milagre porque sabia que eles creriam e contariam a todos o milagre do Salvador, que é Cristo, o Messias Prometido o Senhor.

Jesus Com Doze Anos no Templo

Lucas quebrou um silêncio de doze anos e contou sobre o único episódio de que temos conhecimento, ocorrido entre o nascimento de Jesus e o início do Seu ministério. Esse episódio ocorreu quando Jesus tinha doze anos de idade e seus pais O levaram a Jerusalém para um evento que teve ter sido uma grande excursão religiosa.

No terceiro dia da viagem de volta para casa, perceberam a ausência de Jesus entre eles. Fizeram todo o caminho de volta até o Templo e lá O encontraram fazendo perguntas para os líderes religiosos. Quando seus pais manifestaram a preocupação com que O procuravam, Jesus lhes respondeu: *“Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?”* (1:49).

Isso nos leva a considerar os pais de Jesus seres humanos naturais: perderam O Filho de vista e o encontraram no Templo, no lugar menos provável em que supunham encontrá-Lo, discutindo com escribas e rabinos. Depois ouviram de Jesus aquela resposta, que eles bem deveriam saber que Ele estaria ali, porque estava cuidando dos assuntos

de Seu Pai. Esse foi um episódio de muita importância na história da vida de Jesus.

Aplicações Pessoais

O Velho e o Novo Testamento afirmam que Jesus irá dividir novamente a história humana, com o milagre da Sua Segunda Vinda. A essência do primeiro Natal é que Deus se tornou homem para nossa salvação. Esta é também a essência da Segunda Vinda de Cristo. Deus vai fazer acontecer outro Natal. Assim como o primeiro Natal foi a única esperança de salvação, a Segunda Vinda de Cristo é a esperança abençoada da igreja e a única esperança para o mundo.

Deus nos fez conhecer essa esperança abençoada e única, através da Sua Palavra e quer nos usar para proclamar as Boas Novas da Volta do Seu Filho ao mundo, às pessoas sem esperança. Se formos como Zacarias e duvidarmos do milagre, a incredulidade fechará nossas bocas e não conseguiremos falar dessa esperança. Se questionarmos e analisarmos todos os detalhes da Sua volta, ponderando todas as coisas em nossos corações, vamos fazer como Maria e não vamos contar às pessoas desesperançadas, que existe uma esperança para elas.

Devemos seguir o exemplo dos pastores e contar a todos essa Boa Nova, mesmo antes de a visualizarmos com nossos próprios olhos. Vamos falar dessa esperança abençoada que temos como crentes;

vamos anunciar a única esperança deste mundo!

CAPÍTULO 03

“O Manifesto do Messias”

Duas passagens de Lucas abrem nosso entendimento a respeito do Evangelho. Já mencionamos uma delas, em Lucas 19:10. A outra Jesus apresenta quando, dirigindo-se para sua cidade natal, entra numa sinagoga num dia de sábado, segundo o costume, e lê um texto do profeta Isaías (Lucas 4:18). Se você comparar essas duas passagens, verá que ambas declaram com muita clareza o propósito da vinda de Jesus.

O primeiro versículo do primeiro texto citado fala do Salvador universal, aquele que veio buscar e salvar o perdido, o que Ele fez com muita propriedade, durante todo o tempo. A outra passagem é o “Manifesto do Messias” (4:18). Esse Manifesto é a declaração mais abrangente de Jesus a respeito da sua vinda, o motivo por que Ele veio e o que veio fazer aqui. Às vezes também é chamado de “Manifesto do Nazareno”, porque Ele o anunciou em Sua cidade natal, iniciando o Seu ministério público de três anos.

A Proclamação do Evangelho

“Indo para Nazaré, onde fora criado entrou, num sá-

bado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo, o livro, achou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor. Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele. Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” (Lucas 4:16-21).

Muitos líderes mundiais iniciaram suas missões escrevendo manifestos que são declarações ou soluções que dizem ter para os problemas deste mundo. Quando ouvimos que Jesus iniciou seu ministério de três anos declarando o Manifesto do Nazereno, devemos entender que estamos ouvindo o Manifesto mais importante de todos os tempos. Não é apenas porque o conteúdo desse Manifesto é a Escritura inspirada e o cumprimento de uma profecia, mas porque o maior Manifesto do mundo foi implementado na sua totalidade, por Aquele que o declarou.

Quando Lucas contou de que forma Jesus iniciou o seu ministério, também anunciou o Manifesto para a Igreja de hoje. Esse Manifesto não revela apenas o que Jesus Cristo faria durante sua permanência sobre a terra, mas também o que Ele deseja fazer através de nós, que somos “O Corpo de Cristo”.

Conta-se que por muitos anos depois de ter sido anunciado um determinado manifesto secular, poucas pessoas haviam abraçado sua ideia e se filiado como membros do movimento proposto por ele. Mas um dos poucos membros resolveu escrever um panfleto intitulado “O Que Deve Ser Feito?”. Esse panfleto motivou outros membros a pensar sobre “o que deveria ser feito por aqueles que acreditavam no manifesto” e assim milhares de pessoas foram mobilizadas.

A vida e os ensinamentos de Jesus Cristo são o Manifesto dos Seus discípulos. Os verdadeiros seguidores de Jesus Cristo creem que o Cristo vivo e ressurreto tem as únicas soluções para as necessidades e problemas do povo neste mundo. A declaração de propósitos feita por Jesus no início do seu ministério, através desse condensado Manifesto determina o que deve ser feito por cada um dos Seus discípulos hoje.

Essa declaração, ao mesmo tempo sucinta e abrangente sobre os objetivos e a missão de Jesus determina a linha do estudo que faremos do Evangelho de Lucas. Ao estudar o terceiro Evangelho, mostrarei como Jesus proclamou Seu Manifesto lido a partir do rolo de Isaías, na sinagoga de Nazaré e depois como Ele provou aos líderes religiosos dos Seus dias, que tinha autoridade para implementá-lo. O Evangelho de Lucas continua mostrando como Jesus cumpriu o Manifesto que

Ele proclamou. Finalmente, mostrarei o retrato de Jesus ao convidar e desafiar outras pessoas, inclusive você e eu, a nos tornarmos Seus parceiros na implantação do Seu Manifesto e da Sua Missão neste mundo.

A maneira como Lucas apresenta a biografia de Jesus mostra o que significa ser discípulo de Cristo e o que deve ser feito pela Sua Igreja no mundo de hoje.

Durante um tempo achei que seria maravilhoso que um discípulo de Jesus lesse nosso Manifesto e depois lesse um panfleto desafiador intitulado “O que Deve Ser Feito Por um Discípulo Que Crê no Manifesto de Jesus”. Depois entendi que nenhum discípulo de Jesus poderia escrever um panfleto desse tipo, porque Deus tem uma vontade específica para cada vida e revela essa vontade a cada um individualmente. Devemos ir ao encontro dEle, como Paulo foi na estrada de Damasco, e perguntar ao Senhor o que Ele quer que façamos (cf. Atos 9:6).

Se você ainda não for seguidor de Jesus, eu oro para que o estudo dessa apostila lhe mostre de maneira muito pessoal quem é Aquele que dividiu a humanidade e provou que era O Prometido e deseja alcançar sua vida. Se você já for discípulo de Jesus Cristo, oro para que este estudo do Evangelho de Lucas lhe mostre o que Ele quer que você faça. Que cada um de nós ouça a voz suave do nosso Senhor vivo e ressurreto a fim de conhecer o que

Ele quer que façamos ao nos tornarmos Seus parceiros, e que hoje Ele implemente o Seu Manifesto nas nossas vidas e através delas.

O Manifesto do Messias Foi Provado

Certa feita Jesus estava curando e ensinando numa casa em Cafarnaum. Os líderes religiosos, chamados de “doutores da Lei”, tinham viajado por todo o território de Israel, de Jerusalém até a Galiléia, para investigar o milagre incontestável que Jesus operou quando curou um leproso. Esse foi o cenário no qual Jesus provou o Seu Manifesto, que já tinha sido anunciado em Nazaré. Nesse mesmo contexto, Ele operou outro milagre, provando que *“o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados”* (Lucas 5:17-26).

Enquanto Jesus estava ensinando, quatro homens fizeram um buraco no telhado da casa e baixaram um amigo paralítico sobre uma maca e o colocaram diante de Jesus. O Senhor Jesus não costumava ser interrompido, mas usava determinadas situações e oportunidades para provar Seu Manifesto. Ele disse: “Homem, estão perdoados os teus pecados”. Diante dessa afirmação, aqueles ilustres líderes religiosos ficaram contrariados e perguntaram: *“Quem pode perdoar pecados, senão Deus?”*.

Jesus respondeu com uma pergunta: *“Qual é mais fácil dizer: Estão perdoados os teus pecados ou: Levanta-te e anda? Mas, para que saibais que o Filho*

do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados – disse ao paralítico: Eu te ordeno: Levantate, toma o teu leito e vai para casa. Imediatamente se levantou diante deles e, tomando o leito em que permanecera deitado, voltou para casa, glorificando a Deus” (5:23-25).

Quando Jesus disse ao homem que seus pecados estavam perdoados, os ilustres visitantes devem ter pensado: “Só porque você falou!”. Jesus havia concordado com aqueles teólogos que só Deus perdoa pecados. Através desse milagre Ele provou que era Deus, e que tinha na terra a mesma autoridade que Deus tem no céu para perdoar pecados. Com isso Ele provou que tinha poder e autoridade para implementar o Seu Manifesto.

O Manifesto do Nazareno foi Cumprido

Jesus proclamou que o Espírito de Deus O tinha ungido para um propósito. “O Espírito de Deus está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres”. Nesta passagem Jesus não estava se referindo aos economicamente pobres, mas aos espiritualmente pobres, que nunca tinham ouvido as Boas Novas de salvação. Eram pessoas pobres e espiritualmente cegas, cativas e quebrantadas.

Os pobres e cegos eram aqueles que não sabiam distinguir a mão direita da esquerda; que estavam aflitos e exaustos como ovelhas sem pastor (cf. Mateus 9:36). A missão de Jesus era pregar

o Evangelho para que os cegos enxergassem. Os seus ensinamentos nos sermões, nas parábolas, nas conversas e atitudes visavam a trazer visão para os espiritualmente cegos.

Jesus também dirigiu as mensagens de Boas Novas para aqueles que eram cativos. Ele foi enviado para “proclamar liberdade aos cativos” (Lucas 4:18). Quando lemos os Evangelhos vemos que Jesus, ao encontrar-se com algum cativo não podia deixar de libertá-lo. Esse fenômeno foi manifestado no caso de uma mulher que por dezoito anos era cativa de Satanás e foi liberta por Jesus (Lucas 13:16). Também num diálogo com os líderes religiosos Jesus esclareceu o objetivo da Sua missão (João 5-8:30-35).

Ele comparou as dificuldades que enfrentamos, com tempestades que vêm sobre nossas vidas. Quando essas tempestades nos assolam, alguns cambaleiam, outros sucumbem totalmente. Quando Isaías e Jesus falam dos oprimidos, referem-se a essas pessoas que sucumbem diante das tempestades da vida. A compaixão de Jesus pelos feridos e quebrantados é uma das marcas do Seu ministério e da Sua vida. Como médico solidário Lucas enfatiza a consciência social e a solidariedade de Jesus pelos feridos e quebrantados deste mundo.

Você é espiritualmente cego e sente-se perdido, sem saber que rumo tomar? Você se sente livre para fazer aquilo que quer fazer ou o que tem de

fazer, ou você é escravo de um hábito do qual não consegue se livrar? Você está ferido e quebrantado e não consegue encontrar a cura para seu estado emocional?

Se suas respostas para todas estas perguntas forem sim, a biografia que Lucas fez de Jesus vai mostrar a você e a mim, que somos exatamente o tipo de pessoas para quem Jesus veio a este mundo. Ele veio para dar vista aos cegos, libertar os cativos e curar os quebrantados. Decida-se a confiar e receber Cristo como Ele é descrito no Evangelho de Lucas. Comprometa-se a segui-lo como Seu discípulo e Ele o fará pleno em todas as áreas de sua vida.

CAPÍTULO 04

“Parceria no Manifesto”

A maneira como o Evangelho de Lucas define o Manifesto de Jesus anunciado em Nazaré, mostra como Ele, de forma constante, ensinava e treinava seus apóstolos, enquanto desafiava outras pessoas para se tornarem parceiras com Ele na implantação dos objetivos da Sua Missão. O primeiro exemplo ficou evidente na maneira como Jesus recrutou Pedro para participar junto com Ele da implantação do Seu Manifesto.

Numa manhã, na praia do Mar da Galiléia, enquanto Jesus ensinava para uma grande multidão, perguntou a Pedro que tinha acabado de voltar de uma noite de pescaria frustrada, se Ele poderia usar seu barco como púlpito. É possível que Jesus precisasse de um lugar mais alto para que pudesse se comunicar melhor com aquela grande multidão que O tinha encurralado entre a praia e a água (cf. Lucas 5:1-11). Isso aconteceu depois que André, irmão de Pedro, o apresentou a Jesus (cf. João 1:41-42). Jesus fez um convite para esses dois irmãos e para Tiago e João, parceiros no negócio de pescaria e que também eram irmãos: *“Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens”* (Mateus 4:19). Tudo o que Lucas contou foi uma versão mais detalhada do que Mateus descreveu em apenas um versículo. Pode ser que Lucas tenha dado maior ênfase ao convite de Jesus, para enfatizar a lição que Pedro teve de aprender para se tornar pescador de homens.

Depois da seção de ensino, Jesus disse a Pedro: “Eu gostaria que você me levasse para pescar!”. Jesus desafiou Pedro a sair novamente de barco para as águas profundas e mandou que Pedro jogasse as redes para que houvesse uma grande pesca! (4).

A Bíblia conta que enquanto Jesus ensinava a multidão, Pedro ficou lavando as redes e limpando tudo o que tinha sido usado naquela noite infrutífera de trabalho. Imagino que Pedro não estivesse

de bom humor naquela manhã. Também imagino que enquanto ensinava a multidão, Jesus estivesse mais interessado naquele pescador do que na grande multidão.

Jesus sabia que em apenas três anos aquele homem que nem sequer pescava peixe, pregaria um sermão no Dia do Pentecostes que resultaria na conversão de três mil pessoas e que milhares se converteriam cada vez que ele pregasse o Evangelho nos dias seguintes ao Pentecostes (cf. Atos 2:14-42).

Ele também sabia que dali a três anos, quando a sombra daquele pescador passasse pelos aleijados nas ruas, eles seriam miraculosamente curados! (cf. Atos 5:12-16). É por isso que eu acredito que naquele dia, Jesus estava mais interessado em Pedro do que em toda aquela multidão.

Como foi que Jesus transformou esse homem, que não conseguia sequer pegar peixes, num homem que, junto com Paulo, seria o maior pescador de homens que o mundo já conheceu? A dinâmica espiritual que responde minha pergunta aconteceu neste encontro entre Jesus e Pedro. Jesus desafiou Pedro para ser seu parceiro na implantação dos objetivos de Sua Missão anunciados no Manifesto do Nazareno.

Quando Jesus e Pedro estavam em águas profun-

das, Jesus disse a Pedro para baixar as redes. Pedro respondeu: *“Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos...”*. Mais uma vez ponho minha criatividade para funcionar e imagino que Pedro fez uma breve pausa, mas aí seus olhos se encontraram com os de Jesus e ele continuou: *“... mas sob a tua palavra lançarei as redes”* (5:5).

Quando as redes foram recolhidas, estavam repletas de peixes! (6-7). Por causa deste grande milagre, Pedro caiu aos pés de Jesus e disse: *“Senhor, retira-te de mim porque sou pecador”* (8). E Jesus respondeu: *“Não temas; doravante serás pescador de homens”* (10).

Antes de encontrar Jesus, a vida de Pedro se resumia a uma única prioridade: pegar peixes. Mas Jesus falou que ele passaria a ser “pescador de homens”. Essas duas palavras são a minha versão preferida da Grande Comissão: “pescar homens”. Muitos na igreja se dedicam a evangelizar mulheres e crianças porque é mais fácil. Mas Jesus sabia que mulheres e crianças seguem homens e quando pescamos um homem, alcançamos toda sua casa. Por que Pedro reagiu a essa pesca milagrosa declarando-se um pecador e pedindo ao Senhor que se afastasse dele? Alguns estudiosos sugerem que enquanto Jesus pregava àquela multidão sobre o pecado do homem, Pedro O tenha escutado e sido convencido do pecado; mas, no momento da pesca milagrosa, aconteceu a sua conversão. Outros

estudiosos acreditam que Jesus estava recrutando Pedro para ser Seu parceiro na implantação do Seu Manifesto. Pedro percebeu o que Jesus estava lhe pedindo: “você quer ser meu parceiro para dar visão ao cego, liberdade ao cativo e cura ao enfermo? Você passaria a ter como prioridade, pescar homens ao invés de pescar peixes?”. Esses estudiosos acreditam que Pedro se julgou totalmente desmerecedor daquele chamado.

Talvez a reação de Pedro tenha sido uma forma de dizer: *“O Senhor escolheu o homem errado. O Senhor não pode estar me chamando para pescar homens porque eu sou completamente desqualificado para isso!”*. Se fosse isso a essência do que Pedro estava pensando, ele estava manifestando a primeira bem-aventurança que Jesus ensinou para todos os Seus discípulos: *“Bem-aventurados os humildes de espírito”* (Mateus 5:3).

Para que Pedro, um pescador de peixe malsucedido, fosse transformado em um pescador de homens bem-sucedido, primeiro Jesus tinha de ensiná-lo quem era o pescador que estava no barco naquele dia. Quando Pedro chamou Jesus de “Mestre”, reconheceu que ele era um simples pescador e Jesus era o “Mestre”.

Em segundo lugar, Jesus tinha que ensinar a Pedro que ele jamais pescaria homens até que aprendesse que o Cristo vivo e ressurreto é o único Pes-

cador de homens. Essas duas pescarias de Pedro, uma que não rendeu nada e a outra milagrosamente rendosa, convenceu Pedro acerca de alguns segredos espirituais: “ser pescador de homens não é uma questão de quem eu sou, mas de quem Ele é.

Ser pescador de homens não é uma questão do que eu posso fazer, mas do que Ele pode. Ser pescador de homens não envolve o que eu quero, mas o que Ele quer. E quando a pesca de homens acontece, devemos sempre nos lembrar de que cada conversão milagrosa não foi conquista minha, mas um milagre que Ele fez através da minha carne mortal e fraca”.

Você entende agora por que o Cristo vivo e ressurreto escolheu Pedro para pregar aquele sermão no Dia do Pentecostes e os outros sermões que se seguiram, que levaram milhares a serem salvos? Porque Pedro tinha aprendido esses segredos espirituais melhor do que os outros apóstolos. No Dia do Pentecostes, quando aconteceram todos aqueles sinais, milagres e maravilhas, Pedro anunciou que o Cristo vivo e ressurreto era responsável por tudo o que estava acontecendo naquele dia (cf. Atos 2:32-33).

Por Cristo, Em Cristo e Para Cristo

Depois desse encontro, lemos que Pedro e seus companheiros “*deixando tudo, O seguiram*” (11). Na jornada espiritual de Pedro, esse capítulo mostra vários níveis de relacionamento no nosso caminhar

com Cristo. O primeiro nível é viver por Cristo, recebê-lo e ser grandemente abençoado com todas as formas maravilhosas com que Ele nos abençoa, transforma e salva. Pedro experimentou o primeiro nível de relacionamento com Cristo quando foi abençoado através daquela pesca sobrenatural.

O Segundo nível de relacionamento é quando entramos no plano de vida que Cristo tem para nós e abandonamos nossos próprios planos. Você já ouviu alguém dizer: *“decidi deixar Jesus fazer parte dos meus planos”*? A princípio isso pode parecer muito nobre, mas se pensarmos por um momento, veremos que não somos nós que convidamos Jesus para fazer parte dos nossos planos, Mas é Ele quem, graciosamente, nos convida a fazer parte dos planos d’Ele.

Existe uma frase no Novo Testamento que é a preferida dos apóstolos para descrever o segundo nível de relacionamento com Cristo. Essa frase compõe-se apenas de duas palavras: “em Cristo”. Jesus descreveu esse nível de relacionamento através da metáfora que mostra a relação entre a videira e seus ramos. De acordo com Jesus, nosso relacionamento com Ele deve ser como o dos ramos de uma videira (cf. João 15:1-16). Nesta metáfora de Jesus, o fruto cresce em abundância e aprendemos que a expressão “em Cristo” implica que por estarmos “em alinhamento” com o Cristo vivo e ressurreto, somos o veículo humano através

do qual a obra de Cristo é realizada neste mundo.

O terceiro nível de relacionamento com Cristo é: viver para Cristo (11). Este nível de relacionamento enfoca nossa motivação para seguir e servir a Cristo quando Ele nos inclui nos Seus planos para alcançar o mundo com a mensagem salvadora do Evangelho. Nesse nível de relacionamento nos tornamos parceiros com Cristo quando Ele dá vista aos espiritualmente cegos, liberta os cativos e cura os quebrantados e feridos deste mundo. Em Cristo, por Cristo e para Cristo somos parceiros nesse plano, para que Ele cumpra os objetivos de Sua missão anunciados no Manifesto do Nazareno. Nessa linda história, Pedro passa pelos três níveis de relacionamento com Cristo e estabelece um exemplo para nós. Você já foi abençoado por Cristo? Você está em Cristo? Você tem sido frutífero? Você está vivendo para você mesmo, ou para Cristo?

CAPÍTULO 05

“Parábolas de Parceria”

Lendo o capítulo quinze do Evangelho de Lucas encontramos uma das parábolas mais importantes que Jesus ensinou. A aplicação principal O ensino principal desta parábola é o mesmo ensino da caminhada espiritual de Pedro. Jesus estava recru-

tando parceiros para trabalhar com Ele no cumprimento dos objetivos de Sua missão neste mundo. O capítulo catorze termina com Jesus pregando um dos Seus sermões mais austeros, no qual reivindica um compromisso pleno daqueles que se tornam Seus discípulos.

A Parábola das Coisas Perdidas

O capítulo quinze tem início mostrando que há duas maneiras de responder ao sermão austero de Jesus. A dos publicanos e pecadores, que responderam de maneira branda à pregação de Jesus.

Eles se aproximaram de Jesus e formaram um círculo ao seu redor. E a dos fariseus e escribas que se afastaram de Jesus e formaram um círculo externo a este. Assim, Jesus proferiu uma parábola para dois círculos concêntricos, formados por dois tipos diferentes de pessoas. Ao redor de Jesus formou-se o círculo menor, de pecadores e publicanos que estavam sendo salvos. Ao redor deste formou-se o círculo maior, composto de religiosos que diziam entre si: *“Este recebe pecadores e come com eles”*.

Este ensino de Jesus não é uma série de várias parábolas, mas uma única, que chamamos “A Parábola das Coisas Perdidas”. Ela é dirigida principalmente para as pessoas do círculo externo, explicando o que estava acontecendo no círculo interno. Nesse contexto Jesus também estava pedindo às pessoas do círculo externo que se tornassem parceiros com Ele, como estava ocorrendo com as pessoas

do círculo interno.

Jesus começa assim a parábola: *“Qual dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo. E, indo para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida. Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”*.

Jesus estava dizendo àqueles do círculo externo: *“vocês olham para as pessoas deste círculo interno e tudo o que conseguem enxergar são publicanos e pecadores, prostitutas, cafetões, ladrões e mandros. Mas vocês sabem o que Deus vê? Deus vê nessas pessoas, ovelhas perdidas. E toda vez que uma ovelha perdida é encontrada, há alegria no céu”*. Jesus estava desafiando as pessoas do círculo externo: *“Deus dá valor para os pecadores perdidos. Por que vocês também não se alegram quando essas ovelhas perdidas são encontradas?”*.

Depois Jesus contou a história da moeda perdida. Ele disse que uma mulher tinha dez dracmas e perdeu uma. Ela pegou uma vassoura e uma lamparina e começou a varrer e procurar por todos os lugares até que encontrou a moeda perdida. Quando

a encontrou, disse a suas amigas: *“Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que eu tinha perdido!”*. Existem várias interpretações para esta parte da parábola. A ideia básica é que o que estava perdido foi encontrado.

Quando eu era pequeno, também perdi uma moeda. Ela rolou para dentro de um bueiro que tinha uma grade de ferro. A moeda caiu numa profundidade de uns quarenta centímetros e eu não conseguia alcançá-la por causa da grade. Fiquei desesperado!

Um homem que passava pela rua com seu guarda-chuva se ofereceu para me ajudar. Ele pegou o chiclete que estava mastigando e grudou na ponta do guarda-chuva. Depois passou o guarda-chuva pela grade do bueiro até conseguir grudar a minha moeda no pedaço de chiclete e puxá-la para cima. Aquela moeda passou a ter o dobro do seu valor para mim, porque eu a tinha perdido e depois a recuperei.

A palavra “redimir” significa “comprar de volta” ou “trazer de volta” o que estava perdido. Você e eu somos muito preciosos para o Senhor porque somos como aquela moeda perdida que Ele recuperou através da redenção pela morte e ressurreição do Seu Filho.

Essa é a essência do conceito de redenção e da parábola da moeda que foi perdida e encontrada.

Obviamente trata-se de uma metáfora da redenção ensinada em toda a Bíblia, principalmente nos livros de Êxodo, Deuteronômio e Rute e pelos autores do Novo Testamento (cf. I Pedro 1: 18,19). Fica evidente o que Jesus estava dizendo àqueles do círculo externo: *“estas pessoas estavam perdidas e foram encontradas! Todos os anjos no céu estão se alegrando! Por que vocês também não se alegram?”*.

Depois Jesus continuou: *“Certo homem tinha dois filhos; o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me cabe. E ele lhes repartiu os haveres. Passados não muitos dias, o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para uma terra distante e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente”* 15:11-13). Essa é a famosa estória do filho pródigo. Foi no contexto dos dois círculos concêntricos que Jesus contou essa estória. Quando Ele contou essa Parábola, estava explicando aos do círculo externo o que estava acontecendo com as pessoas do círculo interno. Jesus estava dizendo aos fariseus que se julgavam justos: *“algumas dessas pessoas são filhos pródigos que estão voltando para casa e todos os anjos no céu estão se alegrando por causa delas. Por que vocês também não se alegram?”*

Concluindo, nessas parábolas, Jesus estava dizendo as pessoas do círculo externo: *“vocês só conseguem enxergar publicanos e pecadores. Mas Deus vê essas pessoas como ovelhas perdidas que não sa-*

bem distinguir a mão direita da esquerda; mas foram encontradas e por isso todo o céu se alegra. Deus vê essas pessoas perdidas como aquela moeda. Deus está redimindo e reavendo aqueles que tinham perdido seu caminho. Deus vê essas pessoas, que até podem parecer porcos e ter o cheiro de porcos, mas não são porcos. Estavam vivendo entre os porcos, mas estão voltando dos chiqueiros deste mundo, porque na verdade são filhos! Todos os céus se alegram quando o perdido é encontrado. Por que vocês não se alegram?”.

Quando estudamos a Parábola do Filho Pródigo entendemos que a parte mais importante é quando ele retorna para casa. Nessa ocasião é dada uma grande festa, com danças e celebrações. Um novilho também é morto. Quando o seu irmão mais velho volta para casa, depois de mais um dia duro de trabalho, pergunta aos servos do seu pai: *“por que meu pai está dando uma festa?”*. E o servo respondeu: *“Veio teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde”* (Lucas 15:27).

O texto diz que o irmão mais velho ficou indignado, não querendo entrar em casa e juntar-se a seu pai na comemoração da volta do irmão. Mas aquele pai amoroso, que saiu correndo ao encontro do filho abrindo os braços para abraçá-lo, também amava o filho mais velho. Por isso suplicou-lhe: *“Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu. Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos*

alegrássemos, porque este teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado” (15:31-32).

Essa parábola tão profunda também retrata o cenário das parábolas anteriores. O filho mais velho representa o círculo externo de fariseus e escribas que não queriam entrar e participar com os anjos da celebração celestial aos perdidos que foram encontrados. O Pai pedindo ao filho mais velho para se juntar à festa é Jesus convidando esses líderes religiosos para participarem com Ele da missão de buscar e salvar os perdidos, conforme os versículos chaves deste Evangelho (cf. Lucas 4:18; 19:10).

Neste episódio a atitude de Jesus foi a mesma que Ele teve quando pediu que Pedro O levasse para pescar (Lucas 5:1-11). Usando a imaginação, poderíamos dizer que um desses líderes religiosos do círculo externo, chamado por Jesus para ser um missionário poderia ser Saulo de Tarso.

Quando imaginamos Jesus em pé no meio do círculo, rodeado de publicanos e pecadores, convidando os líderes religiosos para participar da salvação das almas perdidas, a aplicação pessoal que extraímos desse ensino é que Jesus também está convidando você e eu para sermos parceiros com Ele na implantação do Manifesto do Nazareno. Podemos dizer que hoje Jesus está explicando o mesmo, para as várias denominações que professam ser participantes da Sua Igreja; explicando

para nós evangélicos, que valorizamos o evangelismo e a proclamação das Boas Novas para os que estão perdidos.

Duas Parábolas Sobre Homens Ricos

O capítulo dezesseis registra duas parábolas de Jesus, cujo tema causa impacto. Elas tratam de homens ricos. As duas parábolas devem ser analisadas no mesmo contexto das Parábolas das Coisas Perdidas, do capítulo quinze. Jesus trouxe um importante ensino para seus discípulos nessas duas parábolas, mas quando terminou de ensinar a primeira delas, um dos fariseus se sentiu ofendido. Com isso entendemos que os fariseus estavam atentos aos ensinamentos e o Senhor, os tinha também como alvo dos seus ensinamentos.

A primeira parábola desse capítulo é conhecida como a “Parábola do Administrador Infiel” e sua ilustração tem aparência de um ensino negativo. No entanto trata-se de uma afirmação positiva de como participar com Cristo do Manifesto do Nazareno. A segunda estória, “O Rico e o Mendigo”, também tem aparência de uma narrativa negativa, pois trata de um homem cuja conduta era exatamente oposta à dos parceiros que Jesus estava recrutando.

A primeira parábola pode confundir algumas pessoas que não a interpretam corretamente e acham que Jesus está aprovando as atitudes duvidosas

de um defraudador. Ela fala de um homem que tinha um administrador, ou mordomo, ou gerente ou ainda um tesoureiro na sua empresa. Nesse texto encontramos uma das palavras mais importantes do Novo Testamento. O Velho Testamento ensina a respeito dos dízimos e das ofertas, e o objetivo é ensinar o povo de Deus a oferecer sacrifícios que lhe custem algo (cf. II Samuel 24:24). Mas no Novo Testamento, a palavra-chave é “mordomia” e o conceito de mordomia não tem a ver com o ato de devolver para Deus dez por cento de tudo o que se ganha. Mordomia significa: o que você é e tem pertence a Deus. Sua função é administrar tudo isso. Você está administrando tudo que Deus lhe confiou? Isso inclui dinheiro, talento, tempo, energia dons, enfim, tudo o que você tem e o que você é.

Lembre-se que parábola é uma estória alegórica com o fim de ensinar um conceito ou uma verdade. O conceito que Jesus quis ensinar com essa parábola é o de mordomia. Essa estória é a de um homem rico que tinha um administrador, mordomo ou gerente. O homem rico fica sabendo que seu mordomo não está fazendo um bom trabalho e está gastando ou até defraudando o seu dinheiro. Ele avisa seu funcionário que vai chamar uma auditoria para verificar sua contabilidade.

O mordomo pensa consigo mesmo e pondera que naquele momento tinha o controle de todo o dinheiro do seu senhor. Mas assim que seus audi-

tores verificassem os livros, ele seria despedido e perderia esse controle. O que fazer então? Ele pondera essas coisas e decide conversar com as pessoas que estavam em débito com seu senhor.

Sua estratégia seria cuidar do seu futuro. Ele pensou: *“Agora a minha situação é de empregado, com controle sobre dinheiro e bens que não me pertencem. Vou usar esses bens que não são meus, de maneira que quando eu for despedido e minha situação mudar e não tiver mais nenhum controle sobre os bens do meu senhor, terei feito amigos que me receberão. Eles abrirão suas casas para mim e serão hospitaleiros comigo quando eu não tiver mais para onde ir”*.

Quando o seu senhor, o seu empregador, soube o que o seu mordomo tinha feito, elogiou-o, não porque ele fosse um defraudador, mas porque ele foi astuto e pensou no seu futuro.

Aplicação Pessoal

Qual a verdade que Jesus quis ensinar ao contar esta estória? Há muita profundidade na interpretação e aplicação dessa parábola. Jesus ensinou que nós somos como o mordomo. Tudo o que temos pertence a Deus. Estamos apenas gerenciando o que nos foi entregue. Como aquele mordomo sabia que seria despedido, você deve saber que um dia vai morrer e vai perder o controle de todo o dinheiro e dos bens que Deus lhe deu para cuidar. Aí você ouvirá as palavras: *“você não trabalha mais*

para mim como mordomo. Preste conta de todo o seu trabalho”.

Essa parábola basicamente ensina que o mordomo vivia em duas dimensões. Na primeira ele tinha controle do dinheiro e bens do seu senhor, mas sabia que logo iria para outra dimensão, quando perdesse controle de tudo. Enquanto estava na primeira dimensão, ele usou o seu controle sobre toda aquela riqueza fazendo amigos que estariam dispostos a recebê-lo quando ele entrasse na segunda dimensão.

Como o mordomo infiel que usou uma riqueza que não era dele para fazer amigos para a próxima dimensão, que simboliza a vida eterna, assim nós seremos “despedidos” ou morreremos, e teremos amigos que estarão nos esperando para as boas-vindas na nova dimensão.

“O que ganha almas é sábio” (Provérbios 11:30). É basicamente isso o que essa parábola nos ensina. Use o que lhe foi dado nesta dimensão de tal maneira que quando você morrer, tenha amigos na dimensão espiritual que dirão: “você colaborou com o sustento de um missionário e através dele eu conheci a Cristo. Eu não estaria aqui, usufruindo a vida eterna se você não tivesse sido um mordomo fiel”.

O ensino dessa parábola é que tudo o que você tem não é seu e que você não pode levar nada com você.

Mas, você pode conseguir ações do céu. Uma maneira de comprar ações celestiais é usar seu dinheiro e bens para ampliar o Reino de Deus e edificar a Igreja de Jesus Cristo. Pessoas podem chegar ao conhecimento de Cristo por causa da maneira como você administra o que Deus lhe confiou.

Depois de contar essa estória, Jesus fez uma séria aplicação dela: *“Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito. Se, pois, vos tornastes fiéis na aplicação das riquezas de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza?”* (16:10-11).

Deus não vai nos abençoar espiritualmente se formos infiéis na administração de dinheiro. O enfoque não está no quanto ofertamos, mas como administramos o que nos foi dado. O ensino básico dessa parábola é mordomia fiel e responsável.

Você está participando com Jesus da implantação do Seu Manifesto? Você é parceiro com Cristo na aplicação e na implantação do Seu ministério no mundo e para o mundo? Você pode fazer isso como missionário, evangelista, pastor ou como uma testemunha fiel de Jesus Cristo. De acordo com essa parábola, você também pode fazer isso investindo fielmente o que Deus lhe confiou, para financiar aqueles que são parceiros com Cristo como missionários, evangelistas, pastores e testemunhas fiéis de Cristo.

Existem muitas maneiras de nos tornarmos parceiros com Cristo, mas a pergunta que devo fazer é: você é de fato parceiro com Cristo no cumprimento dos objetivos de Sua missão no mundo de hoje? Muitos dos ensinamentos de Jesus afirmam que vamos viver por toda a eternidade de acordo com a resposta que hoje damos a esta pergunta. A segunda história contada por Jesus sobre outro homem rico é a seguinte: *“Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava esplendidamente. Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele; e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lambendo-lhe as úlceras.”* (16:19-21).

Se pensarmos nessa história como se fosse uma peça com três atos, no Primeiro Ato teríamos um homem rico, dormindo entre lençóis de seda todas as noites, vivendo entre festas e banquetes todos os dias. E todos os dias em que ele passava por seu portão, havia um mendigo ali, jogado e rodeado por cachorros que lhe lambiam as feridas. O homem rico não poderia ter vida melhor; o pobre Lázaro não poderia ter vida pior. Fim do Primeiro Ato.

No Segundo Ato acontece a morte dos dois homens. A morte é um denominador comum para todas as pessoas. O homem rico morreu entre lençóis de seda em sua mansão e foi enterrado com grande pompa e honra. Lázaro morreu no portão do ho-

mem rico e o lugar onde foi enterrado nem sequer foi mencionado. Presumimos que seu corpo tenha sido carregado pelo departamento sanitário da cidade e jogado em uma cova qualquer de Jerusalém, talvez no lugar conhecido como “Gehena”. Termina o segundo ato com a morte dos dois homens.

Quando as cortinas se abrem para o Terceiro Ato, descobrimos a verdade que Jesus quer ensinar ao contar essa estória. Neste ato os dois homens estão vivendo na eternidade. O mendigo Lázaro não poderia ter vida melhor. Ele está no seio de Abraão, o que significa que ele tem comunhão íntima com o Patriarca.

Enquanto isso, o homem rico está no inferno e não poderia ter vida pior. Ele vive um tormento. E existe uma grande separação, um grande abismo permanente e definitivo entre esses dois homens e não há nada que possa mudar esta situação.

Quando o homem rico fica sabendo disso diz: *“Pai Abraão, tem misericórdia de mim! e manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama”*. Mas a informação que ele recebe foi esta: *“está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós”*. (16:24, 26).

O homem rico, compreendendo isso, fica extremamente preocupado com seus cinco irmãos. Ele pede:

“Pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna, porque tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento”. A resposta que obtém é a seguinte: “Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos”. Mas o homem rico insiste: “Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão”. (27-30).

Jesus deu ênfase à Lei de Moisés e aos Profetas quando citou a resposta dada para o homem rico *“Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”. (30).* Tudo isso se cumpre com a ressurreição de Jesus de entre os mortos e a pregação do Evangelho que pode impedir alguém de ter um destino como o do homem rico.

Que estória impressionante! Essa é a ilustração mais clara que a Bíblia apresenta sobre a eternidade. Nela temos o conceito de fogo do inferno, de maldição eterna, de retribuição eterna e de tormento eterno. Esse não é o único ensino de Jesus sobre o Inferno. O lugar fora da cidade de Jerusalém chamado “Gehena” é a palavra preferida de Jesus para conceituar Inferno. Esta palavra representa um grande vale fora de Jerusalém onde todo lixo era despejado, inclusive os corpos de animais e indigentes. Quando alguns dos mais tristes capítulos da história hebraica estavam sendo escritos, pais judeus ofereciam seus filhos como sacrifício humano a deuses pagãos nesse vale. Quando

Jesus ensinou que se chamarmos nosso irmão de tolo, corremos o risco de irmos para o Inferno, Ele usou a palavra "Gehena". Esta palavra carrega o conceito de "lixão". De acordo com Jesus, ser salvo do Inferno significa ser salvo de uma vida de "lixão".

Mas essa história sobre o homem rico e Lázaro é a descrição mais objetiva do destino eterno daqueles que não estão salvos. O fator mais terrível desse estado eterno é que o homem rico tem memória. Ele tem toda a eternidade para se lembrar da vida que levou, dos cinquenta, sessenta ou setenta anos que viveu na terra e do que ele fez em todos em todos esses anos. Ele vai viver eternamente com esse tormento.

Esta parábola vem logo depois da parábola do Administrador Infiel. Deus dá a cada um de nós uma vida para viver e somos administradores desse tempo de vida; não apenas do dinheiro, que, na verdade, é o menos importante dentro da mordomia. Nosso tempo, nossa energia, nossos dons, nossos talentos, nossa saúde, tudo isso é a essência da nossa vida. A pergunta que sempre perseguiria aquele homem é: *"o que você fez com a sua vida?"*.

Na parábola do Administrador Infiel, Jesus está nos perguntando: *"Você vai ser Meu parceiro na implantação e na aplicação do Meu Manifesto, administrando sua vida e tudo que lhe confiei com fidelidade?"*. Esta segunda estória sobre o homem rico, é uma

impressionante ilustração do homem que respondeu à pergunta de Jesus com um grande “Não!”.

A aplicação que tiramos da história do segundo homem rico também enfoca a consciência social de Jesus e de Lucas, esse médico solidário. Quando lemos essa estória, os detalhes sobre o estado eterno são tão reais e trágicos que quase perdemos a aplicação social.

Um homem chamado Albert Schweitzer disse que foi este ensino de Jesus que mudou sua vida para sempre. Ele desistiu do status e do conforto que usufruía como um dos maiores organistas, filósofos, médicos e teólogos da Europa e partiu para a África a fim de trabalhar como médico missionário. Ele foi trabalhar numa remota área da África para cuidar de pessoas que, se não fosse pelos cuidados profissionais que ele oferecia, não teriam nenhuma assistência médica. Schweitzer disse que quando leu esta estória de Jesus, não precisou de muito tempo para perceber que o Lázaro deitado no portão do homem rico era um mundo ferido deitado no portão das nossas vidas.

Quando Schweitzer foi para África disse: “A África é Lázaro”. Ele também disse: “Sua vida é o seu argumento”. Creio que esta seja uma declaração muito importante. Com sua vida ele declarou: “Você acaba fazendo aquilo em que realmente acredita. O resto não passa de conversa religiosa”. Será que já

temos a consciência de quem é Lázaro?

Creio que o grande desafio para nós é visualizar o retrato que Jesus apresenta do estado eterno dos que se perdem. A perspectiva de condenação eterna deve nos motivar a apresentar o Evangelho para todos aqueles que ainda não o conhecem. Como o apóstolo Paulo, devemos ser motivados pelas três verdades absolutas: Todos estão perdidos. Um morreu por todos, todos devem ouvir as Boas Novas (cf. II Coríntios 5:13-6:2).

Outra aplicação dessa estória, entretanto, é a motivação e o tema do Evangelho de Lucas: Nós, você e eu sermos parceiros com Cristo na implantação e na aplicação dos objetivos da Sua missão neste mundo, conforme o Manifesto do Nazareno. Sere-mos parceiros com Ele dando visão aos cegos, liberdade aos cativos e cura aos quebrantados e feridos deste mundo?

Três Filosofias de Vida

Observe no Evangelho de Lucas quantas vezes Jesus nos desafia a sermos seus parceiros. Talvez por ser médico, Lucas foi o único que relatou a parábola do Bom Samaritano. Segundo Lucas, Jesus contou a estória de um homem que foi assaltado e deixado ferido, quase morto, numa estrada. Três pessoas passaram por ele e o viram naquele estado (cf 10:25-37).

A estrada dessa estória ia de Jerusalém para Jeri-

có. Os sacerdotes sempre passavam por ela. Passaram dois sacerdotes, um de cada vez, e viram aquele homem moribundo. Cada um deles disse: *“Puxa, que coisa horrorosa, mas não vou me envolver”*. A Bíblia conta que eles passaram pelo outro lado.

Mas um samaritano também estava viajando por aquela estrada. Quando viu aquele homem quase morto, parou e tratou das suas feridas, colocou-o sobre seu animal e o levou para uma hospedaria. Depois de pagar ao dono da hospedaria, ele disse: *“se for necessário, pagarei por outros cuidados quando passar por aqui na volta”*.

Esta parábola foi escrita em resposta à pergunta que um advogado tinha feito para Jesus. “Quem é o meu próximo?”. A resposta de Jesus apresenta três conceitos de filosofia de vida referente ao próximo. Depois de contar essa estória, Jesus fez a seguinte pergunta ao advogado: *“Quem é o meu próximo?”* e iniciou a resposta com o exemplo dos malfeitores que roubaram e quase mataram aquele homem. A filosofia deles era: *“O que é meu, é meu e o que é seu, vai ser meu assim que eu conseguir pegar”*. Existe muita gente no mundo com essa filosofia de vida. É por isso que precisamos de um governo, de polícia e força militar.

O sacerdote e o levita, os religiosos da estória, representam a segunda filosofia de vida com relação

ao próximo: “o que é meu é meu e o que é seu é seu. Eu tenho minhas bênçãos e você tem as suas. Eu tenho meus problemas e você tem os seus. Não vou me envolver!”. Muitos religiosos hoje têm essa conduta de vida com relação ao próximo.

Há uma terceira resposta de Jesus nessa estória que envolve a relação com o próximo. O Mestre Absoluto no uso das parábolas incluiu uma terceira verdade nessa estória que Ele achou importante que aprendêssemos. Essa verdade está expressa na atitude do Samaritano: *“o que é seu é seu e o que é meu é seu a qualquer hora que você precisar”*.

Essa filosofia de vida em relação ao próximo o fará rico; é a mesma aplicada a Lázaro junto aos nossos portões; um mundo de pessoas pobres espiritualmente cegas, cativas e feridas.

À medida que você se deparar com diferentes pessoas todos os dias, aprenda a diferenciar quem são os cegos, os cativos e os feridos para quem Jesus veio. Aprenda a ver as pessoas deste mundo como ovelhas, moedas e filhos perdidos, ou como “Lázaros” deitados nos portões da Igreja. Atente para este fato: Cristo, que vive em você gostaria de alcançar essas pessoas através de você e torná-la parte da solução e da resposta para suas necessidades nesta vida e na eternidade.

Já ouvi dizer que a Igreja hoje é como uma partida

de Futebol em copa do mundo. Quando você assiste a um jogo de Copa do Mundo na televisão, observa milhares de espectadores que precisam desesperadamente de exercício e descanso, enquanto assistem vinte e dois homens que também precisam desesperadamente de mais exercícios e descanso! Quando você considerar a missão de Jesus no mundo assuma o compromisso com o Cristo vivo e ressurreto de não ser apenas um espectador, mas um participante ativo, ou um jogador impactante na conquista de novos discípulos para Jesus, em todas as nações, a começar pelo seu próximo.

CAPÍTULO 06

“O Salvador Que Busca”

Uma Linda História de Cura (Lucas 8:26-39)

As pessoas que trabalharam em hospitais psiquiátricos antes da existência dos tranquilizantes, sabem o valor dessa história de cura tão comovente. Qualquer pessoa que já internou um dos seus parentes ou alguém a quem ama, com esses terríveis sintomas, daria qualquer coisa para ver essa pessoa com a razão restabelecida. Todos os profissionais da saúde que trabalham com pessoas consideradas mentalmente doentes, deveriam ter conhecimento de como Jesus operou esta cura miraculosa.

Quando Jesus e Seus discípulos foram para a terra dos geraseus se depararam com um homem possesso. Aquele homem fez uma pergunta intrigante quando se encontrou com Jesus: *“Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te que não me atormentes”* (8:28). Há muita gente neste mundo com tantos problemas que não acreditam que Jesus e a salvação que há n’Ele possam fazer diferença em suas vidas. São pessoas vitimadas por sintomas terríveis e acham que Jesus não se importa com elas, e não pode tratar delas e de seus problemas. Nessa história, um homem possesso por demônio descobriu que Jesus e a salvação que encontramos n’Ele tem tudo a ver com sua vida e com as terríveis circunstâncias que enfrentava.

Essa bela história traz outra mensagem muito importante. Aquele homem depois de ser curado, quando Jesus estava prestes a partir, quis entrar no barco com Jesus. É fácil imaginar porque ele queria deixar aquele lugar onde todos o conheciam, pelos anos de tormento. Também podemos imaginar porque ele queria estar com Jesus.

Mas o que ele ouviu de Jesus é: *“Volta para casa e conta aos teus tudo o que Deus fez por ti”* (8:39). Aquele homem, resultado de um milagre de Jesus, agora era um missionário para Ele em sua própria casa.

Esse episódio dá uma definição de missionário. Se

Deus fez coisas grandes por você, então você é um missionário. Como uma candeia ou a cidade sobre o monte que não pode ser escondida, devemos mostrar as grandes coisas que Deus fez por nós. A tarefa do missionário deve começar no lugar mais difícil, onde as pessoas o conhecem melhor e onde terá maior significado: na sua própria casa.

Esse milagre de cura é na verdade um exorcismo. Jesus se dirigiu aos demônios e tratou diretamente com eles, que estavam dentro daquele homem possuindo-o. E hoje, Jesus faria diferente?

Será que Jesus diria que o caso daquele homem era uma “esquizofrenia com manifestações de paranoia”? Será que Jesus o internaria e o poria sob efeito de tranquilizantes para o resto da vida? O que você acha?

O Fariseu e o Publicano (Lucas 18:9-14)

Nessa parábola temos dois homens orando; duas posturas e dois discursos. O importante a respeito desses dois homens é que no final da estória, um deles foi declarado “justificado” por Jesus e o outro não. Ou, um foi salvo e o outro não. Outra maneira de afirmar a mesma coisa é dizer que um deles saiu em estado de graça e o outro não.

O significado da palavra “justificado” é: “como se nunca tivesse pecado”. Além disso, também significa que Deus nos declarou justos. O Livro de

Romanos ensina claramente como Deus faz isso. Nessa parábola Jesus anuncia as Boas Novas e ensinou que para sermos justificados devemos orar como o publicano orou: *“Ó Deus, sê propício a mim, pecador!”* (18:13).

A Bíblia conta que o fariseu orou “de si para si mesmo”. Sua oração começava com ele mesmo, era sobre ele mesmo e terminava com ele mesmo. Sua oração nunca foi além dele mesmo. “Orar” significa “pedir”. Por definição, o fariseu não orou porque ele não pediu nada a Deus.

Esta parábola foi dirigida àqueles que confiavam em si mesmos e que, comparados com outros, se consideravam justos. Como um pecador se torna justo? Como Deus declara um pecador justo? Será que é resultado de um esforço próprio? Sou justo ou justificado porque confio nos meus próprios esforços para ser justo? Esta parábola afirma que “Não!”. Deus vai me declarar “como se eu nunca tivesse pecado antes” quando eu confessar que sou um pecador que não posso conseguir a salvação por mim mesmo e reconhecer que preciso da misericórdia a Deus.

Nessa parábola, Jesus declarou as Boas Novas verdadeiras! Todo homem, mulher, menino ou menina pode ser justificado, assumindo uma postura de humildade, contrição, confissão e arrependimento e orando: *“Deus, seja misericordioso para comigo*

que sou pecador!". A postura assumida pelo fariseu foi contrária à de humildade, contrição, confissão e arrependimento que nos coloca e nos mantém num estado de graça.

Certo estudioso das Escrituras acredita que Zaqueu, o chefe dos publicanos, que estudaremos no próximo capítulo, era o publicano descrito nesta parábola. Ele baseia sua afirmação no fato de que Jesus chamou aquele chefe dos publicanos pelo nome, o que sugere que eles já tinham se encontrado antes. Isso também sugere que Jesus foi para Jericó para "ver o resultado daquela oração que Zaqueu fez no templo, explicar-lhe o que significa arrependimento e como deve ser trabalhado na nossa vida. Arrepende-se por se envolver com dinheiro dos pobres, ou dinheiro adquirido de maneira desonesta. Embora seja uma suposição, ela serve para aumentar nosso interesse em uma das mais bonitas histórias do Novo Testamento.

Jesus e o Chefe dos Publicanos (Lucas 19:1-10).

Quando lemos os capítulos dezoito e dezenove de Lucas, descobrimos mais duas histórias que envolvem homens ricos. Poderíamos considerar o encontro de Jesus com o chefe dos publicanos como outra peça de três atos. O primeiro ato acontece na rua onde Jesus cumprimenta Zaqueu. O segundo acontece na casa de Zaqueu, onde Jesus passou o dia conversando e interagindo com esse homem que era malvisto por todos.

Quando as cortinas se abrem no terceiro ato, Jesus está saindo da casa de Zaqueu em sua companhia, depois de terem passado juntos todo o dia. As primeiras palavras, quem fala é Zaqueu. Ele chama Jesus de “Senhor” e propõe dar metade do seu dinheiro para os pobres e usar a outra metade para restituir, quatro vezes mais àqueles que porventura tenha defraudado. Se ele não tivesse sido desonesto com alguém não teria destinado metade da sua riqueza para resolver o problema.

Embora nada se saiba sobre o segundo ato na casa de Zaqueu, ele é o mais importante desta “peça”. Não se sabe sobre o que eles falaram o dia todo. Pode ser que eles tenham falado sobre arrependimento e seu significado; sobre perdão e seguir a Jesus. Essa conversa deve ter envolvido dinheiro, tendo em vista a proposta de Zaqueu. Depois que Jesus ouviu essas palavras do maior pecador de Jericó Ele o declarou um filho de Abraão e anunciou que haveria salvação naquela casa.

A parte que eu mais admiro nessa história é quando Jesus deixa tudo para passar o único dia que tinha em Jericó com aquele homem malvisto por todos, ignorando os comentários em torno do assunto. Eu gostaria que algum artista retratasse a cena de Jesus, que de acordo com o historiador judeu Josephus era um homem alto, indo em direção à casa, com o braço sobre os ombros do pequeno Zaqueu, enquanto as pessoas que se julgavam

justas comentavam o fato de Jesus ter passado o único dia que tinha em Jericó, com o Chefe dos Publicanos.

As últimas palavras dessa linda história poderiam ser gravadas numa placa de bronze e colocadas sob o quadro que retratasse essa cena: *“Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido!”* (19:10). Essas palavras são umas das mais importantes de todo o Evangelho, porque representam a declaração da missão da pessoa mais importante que já viveu sobre a terra.

Também vemos a estratégia de Jesus nesta conversa. Ele estava passando por Jericó e seu objetivo era alcançar aquele homem, cuja conversão viria causar um impacto em Jericó depois que Ele deixasse a cidade.

Tente imaginar o tumulto na cidade quando Zaqueu começou a devolver às pessoas, o que ele tinha cobrado a mais, provavelmente tendo ficado com uma boa porcentagem. Imaginemos a surpresa, a alegria e o espanto das pessoas. Enquanto elas esperavam que ele fosse colocar novamente a mão no bolso delas, descobriram que ele queria pagar o que lhes tinha sido tirado, e ainda estava dando de volta quatro vezes mais do valor cobrado. Isso porque agora ele era um servo de Cristo. Eu imagino que este tenha sido o maior acontecimento da cidade de Jericó, desde que suas muralhas caíram

nos dias de Josué.

Outro Diálogo Com Um Homem Rico (Lucas 18:18-27)

Há mais uma história sobre um homem rico no capítulo anterior que deve ser analisada junto com a história de Jesus e Zaqueu. Observe o que esses dois homens tinham em comum: eram ricos, eram judeus e ambos estavam ansiosos para ver Jesus. Zaqueu subiu numa árvore e o outro jovem rico veio correndo em direção a Jesus e ajoelhou-se diante d'Ele. Os dois procuraram Jesus publicamente. Eles poderiam estar interessados em saber o que fazer para ser salvos ou, como obter a vida eterna. Obviamente Jesus amava esses dois homens e o que disse aos dois foi que, para se arrepender ou para mostrar arrependimento, eles deveriam se desfazer das suas riquezas.

Entretanto quando comparamos esses dois personagens, observamos suas diferenças: o jovem rico era um homem religioso e moralista, enquanto Zaqueu, como vimos, não tinha essas características. O jovem rico deveria ser admirado e respeitado pela comunidade, e como vimos, não acontecia o mesmo com o publicano Zaqueu. Mas a diferença mais marcante entre esses dois homens foi o que aconteceu depois. Zaqueu se arrependeu e distribuiu o seu dinheiro, enquanto o jovem rico, moralista e íntegro, não se arrependeu. Apesar da sua integridade, aquele jovem rico não foi salvo; mas Zaqueu foi!

E se aquele jovem mais tarde não tiver se arrependido, podemos presumir que ele morreu moralista e religioso, mas com sua alma perdida. Zaqueu, que não era um religioso moralista, mas um defraudador, antes de conhecer Jesus, hoje está no céu e o jovem rico, no Inferno!

Não podemos fazer uma interpretação errada dessa história. Jesus não está dizendo que somos salvos pelo que fazemos, mas pelo que deixamos de fazer. Ele está ensinando que somos realmente salvos, quando nos arrependemos e nos afastamos do pecado. Vemos isso claramente na maneira contrastante como esses dois homens responderam à instrução Jesus.

Na verdade, a história de Jesus e de Zaqueu começa com a Parábola do Fariseu e do Publicano. Quando lemos a sequência dessa parábola, descobrimos outro versículo que mostra Jesus como o Salvador que busca o perdido. Vemos o retrato de Jesus e Seu Manifesto mais uma vez, quando Lucas dá sua versão da Grande Comissão no final do seu Evangelho (cf. Lucas 24:46-49).

Epílogo

“Pensamento Cristão”

Jesus também proferiu a “Parábola do Semeador”, que ensina como devemos abordar e respon-

der ao ensino de Cristo. Lucas registrou três metáforas que Jesus usou para este propósito (Lucas 5:36-39; 7:31-35). As duas primeiras parábolas são a respeito de um pedaço de pano novo costurado num pano velho e o vinho novo (não fermentado) colocado em odres velhos.

As parábolas de Jesus eram comuns ao povo daqueles dias. Elas se referiam a costumes do dia a dia e eram ilustrações profundas. Qualquer mulher que costura sabe que jamais podemos costurar um pedaço de pano novo numa roupa velha. O material novo e forte vai repuxar o pano velho e o buraco será ainda maior.

É provável que muitos dos ouvintes tinham cometido o erro de derramar vinho novo e não fermentado em odres velhos. Quando o vinho fermentava, os odres velhos rompiam-se com a pressão e o vinho se perdia.

A aplicação do ensino de Jesus, do remendo novo no pano velho e do vinho novo em odre velho, é polêmica. Podemos considerar que os novos convertidos são os “odres novos” onde será despejado o “vinho novo” (cf. II Coríntios 5:17). Somente pessoas convertidas podem compreender, aceitar e aplicar os ensinamentos de Jesus. Essa parece ser a aplicação desta metáfora.

Se não permitirmos que o ensino de Cristo interfira

em nossa vontade, nossas mentes vão acabar explodindo! É por isso que Jesus diz para não sermos “esquizofrênicos espirituais” que tentam servir a dois mestres (cf. Mateus 6:24). Se a nossa resposta aos ensinamentos de Jesus não for um comprometimento obediente, mas for uma profissão de fé apática e morna, iremos acabar doentes e causando náuseas em Cristo, conforme está em Apocalipse 3:15-(16).

Jesus usou a terceira metáfora para comentar a maneira como os líderes religiosos rejeitaram Seu ensino e a pregação de João Batista (cf. Lucas 7:31-35). Foram como crianças que brincavam de “casamento” e de “velório” na praça, porque tinham visto essas cerimônias e pediam que os mercadores, sempre tão ocupados, parassem seus afazeres e brincassem com elas.

Nessas metáforas Jesus estava dizendo que os escribas e os fariseus eram como aquelas crianças, pedindo que Ele brincasse de “velório” porque Ele apresentou o homem abençoado e feliz. Eles também pediram que João Batista brincasse de “casamento” por causa da sua postura séria porque tinha uma vida espiritual disciplinada e pregava o arrependimento.

Com esse ensino Jesus ensinou que nem Ele nem João não vieram para brincar e não tinham que se adaptar ao ensino daqueles líderes, mas vieram para revolucionar o ensino religioso estabele-

cido. Agora que você já foi exposto ao ensino de Jesus Cristo, Como você vai responder ao que já aprendeu através deste breve estudo do Evangelho de Lucas? O que você vai fazer em relação aos objetivos da missão do Cristo ressurreto, que vive em você? O ensino de Jesus pretende revolucionar sua mente, sua vida e seus valores. Jesus nos advertiu que se não fizermos nada a respeito do Seu ensino, nossa “visão espiritual dupla” vai explodir nossas mentes.

O Evangelho de João apresenta o relatório mais detalhado da morte e ressurreição de Jesus. Como nós já preparamos seis apostilas referentes a cento e trinta programas de rádio sobre o Evangelho de João, vou reservar meus comentários sobre a vida e o ministério de Jesus para essas apostilas. A parte do Evangelho de Lucas mais reveladora sobre a morte de Jesus é o trecho que descreve Jesus contando aos apóstolos que a Páscoa será totalmente cumprida quando Ele morrer na cruz (cf. 22:16). Com exceção do Evangelho de João, na narração da morte de Jesus Cristo na cruz, os outros autores do Evangelho simplesmente contaram que “eles O crucificaram”.

Se você não conhece Jesus Cristo pessoalmente como seu Salvador, eu, como ministro do Evangelho rogo que você entenda que Jesus veio lhe curar da cegueira espiritual e libertá-lo das diversas formas de pecado. Ele quer curar seu coração ferido

e sua vida quebrantada e se tornar Seu Salvador pessoal. Ele quer trazer propósito para sua vida na parceria que deseja formar com você para cumprimento da missão de buscar e salvar os perdidos. Confie n'Ele como seu Salvador. Faça d'Ele o seu Salvador e passe o resto da sua vida num relacionamento com o Cristo vivo e ressurreto, cumprindo o maior Manifesto do mundo.

O Evangelho de João

CAPÍTULO 07

"A Linguagem de Sinais de João"

Temos disponíveis mais seis apostilas para aqueles que acompanharam o estudo, versículo por versículo do Evangelho de João, em cento e trinta programas de rádio. Nessas apostilas apresentamos um breve resumo do quarto Evangelho, como parte do estudo do Novo Testamento.

O Evangelho de João é o preferido da maioria das pessoas, e tem sido usado por Deus para que muitos alcancem à fé em Cristo. Encanto-me com a forma literária usada pelo apóstolo João para escrever este Evangelho. Nos seus vinte e um capítulos, ele faz uso de uma argumentação sistemática com o único objetivo, apresentar Jesus Cristo. Este é o meu Evangelho preferido porque, além de

João mostrar como alcançar a salvação, ele também apresenta o Salvador.

O apóstolo João, o autor deste Evangelho, é o mesmo homem que escreveu o Livro do Apocalipse. Se você conhece um pouco o último livro da Bíblia, já tem uma ideia do estilo do escritor deste Evangelho.

João iniciou o Livro do Apocalipse escrevendo: *“Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João”*. João foi notificado ou comunicado a respeito das profecias através de uma linda “linguagem de sinais” bíblica.

O apóstolo Paulo escreveu que o Evangelho é loucura para os gregos que buscavam a intelectualidade enquanto os judeus “pediam um sinal”. Paulo se referiu assim aos judeus, porque eles sempre pediam sinais que provassem que Deus estava com eles e que os guiava (cf. Mateus 12:38-42). Paulo também se referiu ao fato de que os judeus às vezes se comunicavam através de uma “linguagem de sinais”.

Todo o Livro do Apocalipse é inspirado, muito profundo e escrito na linguagem de sinais hebraica. Apesar da linguagem de sinais não ser clara, João usou esta mesma forma literária em seu Evangelho.

Chaves para o Evangelho de João

João escreveu dois livros inspirados para o Novo Testamento. O Evangelho de João e o Livro do Apocalipse. Nos dois livros ele escreve para o povo de Deus numa espécie de código inspirado. Para entender suas mensagens, o leitor precisa de “chaves que revelem o código”. Veremos a seguir algumas dessas “chaves” que nos ajudarão a “revelar o código” da linguagem de sinais que João usa neste Evangelho.

Chave Número Um

A primeira chave para compreender este Evangelho é saber que noventa por cento do seu conteúdo não aparece nos três primeiros Evangelhos. Quando lemos o Evangelho de João devemos observar que ele tinha uma perspectiva sobre a vida de Cristo que não está presente nos Livros de Mateus, Marcos e Lucas. Devemos, portanto, estar cientes de que a biografia de Jesus escrita por João é diferente das biografias encontradas nos outros três escritores evangelistas.

Chave Número Dois

A segunda chave que nos ajudará a revelar o código da mensagem deste Evangelho é perceber que ele é o único livro da Bíblia dirigido especificamente para o incrédulo, visando levá-lo à fé e à vida eterna.

O apóstolo Paulo escreveu que o propósito de toda Bíblia é que *“o homem de Deus seja perfeito e per-*

feitamente habilitado para toda boa obra” (II Timóteo 3:17). A Bíblia, portanto, na sua maior parte, não é dirigida ao incrédulo, mas ao que crê.

Em toda a Bíblia Deus tem apenas uma mensagem para o incrédulo: a mensagem de arrependimento e fé no Evangelho. Mas quando um incrédulo se arrepende e crê, Deus oferece sessenta e seis livros inspirados, repletos de verdades, porque Deus quer que o crente esteja equipado para toda boa obra que deve ser executada através da sua vida. A vontade de Deus é que todo incrédulo tornese um crente, cresça espiritualmente e seja edificado para executar a obra para a qual foi recriado (cf. Efésios 2:10; 4:12).

O Evangelho de João consiste nessa mensagem de Deus para o incrédulo e serve como um pré-requisito para tudo o que Deus quer falar nos outros sessenta e cinco livros da Bíblia. Mesmo havendo verdades profundas neste Evangelho para aperfeiçoamento do crente em Jesus, este é único livro na Bíblia que é clara e especificamente dirigido ao incrédulo, com o objetivo de levá-lo à fé em Jesus Cristo. João conta por que escreveu este Evangelho: *“Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”* (João 20:30-31).

Outra tradução da Bíblia traz uma nota de rodapé

que diz: *“um sinal é uma evidência miraculosa que destaca o poder de Deus na graça redentora”*. Um sinal, portanto, é um milagre que prova que Jesus é o Messias, o Cristo, o Filho de Deus e o Salvador do Mundo.

No último versículo deste Evangelho, João escreveu que se todos estes sinais de Jesus fossem registrados não caberiam no mundo todos os livros que seriam escritos. Tente descobrir quantos livros já foram escritos sobre a vida, obra e influência de Jesus Cristo e você verá como é verdadeira essa afirmação. João quer que examinemos o registro que ele fez desses sinais que comprovam as referências sobre Jesus. Ele basicamente escreve o seguinte: *“entre todos os milagres que Jesus operou, considere, com a mente aberta, aqueles que eu registrei neste livro. Esses sinais o convencerão de que Jesus de Nazaré é o Messias, o Filho de Deus. Quero que você creia nisso porque quando você crer, nascerá de novo e receberá a vida eterna”* (20:30,31; 1:12,13).

Quando alguém procura o pastor e diz que gostaria de ler a Bíblia, mas que não sabe por onde começar, o pastor geralmente pergunta: “você já se converteu?”. Quando a resposta é “não, mas estou interessado”, o pastor costuma dizer: “comece a ler a Bíblia pelo Evangelho de João”. A intenção dos pastores é fazer com que o incrédulo se converta e experimente a vida eterna.

Chave Número Três

Outra chave para compreender o Evangelho de João é observar que este Evangelho apresenta uma argumentação teológica sobre Jesus. Os Evangelhos de Mateus e Lucas apresentam as estratégias dos ministérios de Jesus. Mas a argumentação lógica e sistemática de João nos vinte e um capítulos do seu Evangelho segue outra linha muito consistente. O propósito do quarto Evangelho é contar que Jesus veio. Mateus apresentou Jesus como o Rei do reino dos céus; Marcos O apresentou como O Servo e Filho do Homem; Lucas enfatizou o lado humano de Jesus e João o basicamente disse que Jesus é Deus.

O argumento sistemático de João é que Jesus é o Cristo, o Messias prometido, o Filho de Deus. Podemos fazer um traçado desta verdade desde o primeiro capítulo do Evangelho de João, até o último, e observar que em todos os capítulos, continuamente João enfatiza seu argumento básico: o Jesus de Nazaré é o Cristo, o Filho de Deus e o Salvador do mundo.

Quero esclarecer que Jesus Cristo não tinha dois nomes, como por exemplo, "João Luiz". O Seu nome é Jesus; Cristo é o Seu título. Quando nos referimos a Ele como "Jesus Cristo", estamos dizendo que Jesus, o histórico Jesus de Nazaré, é o Cristo. A palavra grega "Cristo" em hebraico significa "Messias". Quando João diz que Jesus é o Cristo, ele está dizendo que o Jesus do Novo Testamento é o Messias

profetizado e prometido no Velho Testamento.

O Livro de Atos conta que o apóstolo Paulo, que era um rabino, em suas viagens missionárias, ia de sinagoga em sinagoga, de cidade em cidade, usando as Escrituras para pregar aos judeus rabinos que Jesus é o Cristo (cf. Atos 17:2,3). Em suas cartas, Paulo diz que a doutrina básica de comunhão da igreja do Novo Testamento é que (cf. I Coríntios 12:3).

Nas suas três cartas no final do Novo Testamento, o apóstolo João escreve que a doutrina básica da Igreja do Novo Testamento é que *“Jesus é o Cristo”* (I João 2:22; 5:1). O argumento de João nesses dois versículos é repetido sistematicamente em seu Evangelho.

Chave Número Quatro

As três primeiras chaves são argumentos suficientes para o entendimento do Evangelho de João. Mas devemos ler os seus vinte e um capítulos procurando as respostas para essas três perguntas: Quem é Jesus? O que é fé? E, o que é vida?

João escreveu este Evangelho para relatar os sinais ou as evidências milagrosas que Jesus operou a fim de nos convencer de que a resposta para a primeira pergunta é: Jesus é o Cristo, o Messias, o Filho de Deus. Capítulo após capítulo, João faz essa afirmação. Ele expressa esta verdade de diferentes ma-

neiras no decorrer dos vinte e um capítulos.

Também em cada capítulo devemos procurar a resposta para a pergunta “o que é fé?”. João afirmou que faria um relato sobre Jesus e que aqueles que cressem nessas verdades sobre Ele nasceriam de novo e receberiam vida eterna (cf. 20: 30,31; 1:12,13). Em cada capítulo, além de nos desafiar a crer em seu argumento coeso e consistente sobre Jesus, ele também mostra o que significa crer em Jesus pela fé.

Afinal de contas, o que é fé? Fé é um conceito muito difícil de se definir e de se manter em foco. Por isso, capítulo após capítulo, de uma maneira muito bonita, João ilustra para nós o que significa crer que Jesus é o Cristo.

Em cada um dos capítulos João mostra o que ele considera que seja vida eterna. Vida eterna não é apenas uma vida que dura para sempre. Ele também usa este conceito, mas vida eterna não se refere simplesmente à quantidade de anos de vida, mas principalmente à qualidade de vida. João registrou a afirmação de Jesus: “*Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*” (João 10:10). Que tipo de vida abundante é essa que Deus planejou para os seres humanos?

Quando João define “vida eterna” ele refere-se a uma qualidade e uma quantidade eterna de vida. A

vida eterna é uma qualidade abundante de vida que começa aqui e continua por toda a eternidade.

João afirma que essa qualidade de vida eterna não resulta do nosso nascimento físico, mas de outro tipo de nascimento, o nascimento que “vem do alto”, resultante de um segundo nascimento, e como resultado desse segundo nascimento, teremos uma qualidade de vida superior e incomparável. Teremos vida “mais do que abundante” ou “vida eterna”.

Capítulo após capítulo João, não apenas fala, mas mostra o que é vida eterna. Por isso, quando lemos este evangelho, devemos também buscar resposta para a pergunta: “o que é vida eterna neste capítulo?”. À medida que você lê cada um dos capítulos, ore para encontrar a resposta para as perguntas: “quem é Jesus”, “o que é fé” e, “o que é vida”. Observe que João sempre apresentará respostas bem profundas para essas três perguntas, em cada um dos capítulos do seu Evangelho.

Chave Número Cinco

Outra chave para compreender o Evangelho de João é a linda e inspirada linguagem de sinais que ele usa. Esse Evangelho foi escrito em dois níveis. Você pode usar o Evangelho de João para ensinar crianças a ler, porque sua linguagem é mais simples do que a linguagem dos outros Evangelhos. Uma criança consegue ler e compreender o Evangelho

de João no primeiro nível. Mas existe outro nível mais profundo que até o mais maduro e dedicado cristão jamais compreenderá completamente tudo o que João quis dizer no segundo nível de significado do seu Evangelho.

O Evangelho de João é o meu preferido por causa do segundo nível de interpretação que essa linguagem de sinais sugere. Já ouvi alguém dizer que seria necessário um curso de mestrado em teologia e filosofia para compreender o nível de significado mais profundo deste Evangelho. Discordo dessa afirmação. Creio que precisamos do Espírito Santo para nos mostrar as profundezas do significado desse Evangelho. Enquanto você o lê, peça que o Espírito Santo lhe revele a profundidade desse segundo nível da linguagem de João.

Chave Número Seis

Quero compartilhar com você a última chave que nos ajudará a compreender melhor este Evangelho. No capítulo doze lemos que alguns gregos se aproximaram do apóstolo Filipe e disseram: *“Senhor, queremos ver Jesus”* (21). Durante a leitura deste Evangelho, faça esta, a sua oração pessoal. A última chave que desvenda o código da linguagem de sinais de João consiste em ler o seu Evangelho orando: *“Pai, quero ver Jesus”*.

Se você fizer isso, descobrirá que o Evangelho de João é como uma “galeria de arte espiritual”. Cada

capítulo representa uma sala dessa galeria e em cada versículo encontramos lindos retratos de Jesus Cristo pendurados nas suas paredes. O apóstolo do amor exhibe esses retratos inspirados de Jesus Cristo em cada um dos capítulos do seu Evangelho.

Descobri quinze retratos de Cristo no primeiro capítulo e quatorze no capítulo quatro. Selecione um retrato de Jesus para cada capítulo e sob cada um desses retratos, imagine uma plaquinha de bronze. Memorize os títulos dos vinte e um retratos. E à noite, quando você for dormir, durma adorando ao Senhor e meditando sobre esses retratos de Cristo.

Para cada um desses retratos, eu escolhi um título e o imaginei numa plaquinha de bronze. Para os capítulos de um a sete, fiz a seguinte seleção: O Cordeiro de Deus; O Que Transformou a Água em Vinho; O Salvador de Deus; A Água Viva; A Chave Para as Escrituras; O Pão da Vida; O Mestre Vindo de Deus.

Dos capítulos oito a quatorze, os títulos são: A Luz do Mundo; O Grande Pastor de Ovelhas; A Ressurreição e a Vida; A Semente que Cai na Terra e Morre Para Glorificar o Pai; O Servo Que Lava os Pés dos seus conservos e O Caminho, a Verdade e a Vida.

Dos capítulos quinze a vinte e um, os títulos são: A Videira em Busca dos Ramos; O Emissário do Espírito Santo; O Sumo Sacerdote Intercessor; A Testemunha Perfeita; O Cristo Crucificado; O Cristo Res-

surreto; A Comissão de Cristo.

Estes são os retratos de Cristo que selecionei nos vinte e um capítulos do Evangelho de João. Faça sua própria lista dos retratos que você encontrará na sua leitura desse Evangelho. Os seus retratos terão maior significado para você do que os meus.

Os líderes da minha primeira igreja fizeram uma placa de bronze com o pedido dos gregos e a cimentaram dentro do púlpito, de forma que toda vez que eu pisava no púlpito para pregar, lia: *"Senhor, queremos ver Jesus"*. Era uma forma da igreja dizer ao pastor: *"queremos ver Jesus cada vez que a Palavra de Deus for pregada neste púlpito"*.

Peça que o Espírito Santo lhe revele Jesus Cristo através do Evangelho de João; depois responda às perguntas: "O que é fé e o que é Vida Eterna". Quando você enxergar Jesus, tenha fé para crer nEle, nasça de novo e receba a vida eterna!

CAPÍTULO 08

"Visão Panorâmica do Evangelho de João"

Os pregadores, quando estão sendo treinados na preparação de um sermão aprendem a observar três pontos principais: devem dizer a seus ouvintes sobre o que vão falar, falar e depois repetir o que

falaram! Quando João escreveu o seu Evangelho dedicou os primeiros dezoito versículos do capítulo um, a uma espécie de prólogo no qual anuncia o que vai falar. Depois, dos versículos dezoito do capítulo um, até o versículo vinte e nove do capítulo vinte, ele fala. Finalmente, nos versículos trinta e trinta e um deste capítulo ele sintetiza o que falou.

Quando ele diz sobre o que vai falar, entre outras verdades afirma que quando a Palavra Viva de Deus se tornou carne e viveu entre nós, aqueles que O receberam e creram n'Ele nasceram de novo. Experimentaram um nascimento que não era físico ou natural. Eles nasceram de Deus.

Depois de falar sobre o que propôs, ele passa a dar exemplos do que escreveu, referentes àqueles que responderam a Jesus e nasceram do alto. Capítulo após capítulo, ele acrescenta exemplos de como pessoas nasceram de novo quando responderam positivamente à palavra de Jesus Cristo. Ele começa contando como alguns dos apóstolos conheceram o seu Senhor e Salvador. Eles perguntaram para Jesus onde Ele vivia. Como resposta Jesus os convidou a ir com ele e ver. A decisão de ir e ver como Jesus vivia, os levou a viver para Ele e morrer por Ele; e eles experimentaram o que significa nascer de Deus quando se vive com Jesus.

No capítulo dois temos uma alegoria do novo nascimento, quando Jesus é apresentado como Aque-

le que pode transformar a água em vinho. Primeiro pelas palavras de Maria: *“Eles não têm mais vinho”* (2:3). Na Bíblia, o vinho é símbolo de alegria. Por aplicação, as palavras de Maria são uma confissão de que não havia alegria; ou ainda não tinha havido novo nascimento.

Às vezes a água simboliza as Escrituras, a Palavra de Deus, a semente que gera o novo nascimento. A fé vem enquanto ouvimos a Palavra. Para alguns os grandes potes de setenta litros de água sendo cheios, simbolizam uma vida sendo cheia pela Palavra de Deus, um passo que leva ao novo nascimento (cf. 2:7; Efésios 5:26; I Pedro 1:23; Romanos 10:17).

As palavras de Maria *“Fazei tudo o que ele vos disser”* (2:5) dirigida aos servos, representam a chave para que a Palavra de Deus tenha poder em nossas vidas. Enquanto você estiver enchendo sua mente com a Palavra de Deus, faça tudo o que Jesus ordenar. Esses passos que levam ao novo nascimento também podem ser aplicados como uma forma para o reavivamento espiritual na vida de um crente em Jesus Cristo.

Aqueles que estão familiarizados com o Evangelho de João conhecem as palavras registradas no capítulo três, quando Jesus diz a Nicodemos: *“Importa-vos nascer de novo”* (3:7b). Essa foi a única vez que Jesus usou esta expressão, “nascer de novo”, e o fez a um dos mais destacados mestres em Israel. Ape-

sar de Jesus não ter usado esta expressão outras vezes, é exatamente isso o que acontece com aqueles que respondem positivamente ao chamado de Jesus.

Nicodemos trata Jesus como “Mestre” que veio da parte de Deus. Já comentei com vocês sobre esta frase “Você acaba fazendo aquilo em que realmente acredita. O resto não passa de conversa religiosa”. Parece que Nicodemos disse mais ou menos assim para Jesus: *“Já vi o que o Senhor faz e por isso vim ouvir o que o Senhor tem a dizer”*. Depois de ser reconhecido por Nicodemos, o Senhor diz ao nobre rabino: *“Você precisa nascer de novo. Você tem de começar de outra maneira e tem de ser Comigo”*.

Jesus diz a esse mestre de Israel que ele não deveria se maravilhar pelo fato de ter de nascer de novo, como se isso fosse incompreensível, desnecessário ou impossível. De acordo com Jesus, o propósito do novo nascimento é “ser” e depois entrar no Reino de Deus. Tudo se resume no fato de que Deus é o Rei e nós fomos feitos para vivermos sujeitos a Ele. Essa é a ênfase presente em toda a Bíblia, sintetizada em duas palavras: “Deus Primeiro!”.

Na conversa com Nicodemos Jesus fez a maior de todas as declarações a respeito de Si mesmo. Ele afirmou ser o único Filho de Deus, a única Solução de Deus para o pecado e o único Salvador de Deus. Ele também disse que crer nessas afirmações re-

sulta em salvação eterna e não crer nelas, em condenação eterna (3:14-21).

Essas declarações foram dadas em resposta à pergunta “Como?” feita duas vezes por Nicodemos. Jesus respondeu com uma palavra: “Creia”. A nossa parte no novo nascimento é crer. A atuação de Deus é semelhante ao vento: não conseguimos enxergá-la nem prever como será, “...*assim é todo que é nascido do Espírito*” (3:8b). Embora não haja nenhum registro de que Nicodemos tenha professado a fé em Cristo, outras referências neste livro a seu respeito e a própria história indicam que ele nasceu de novo (7:50; 19:38-42).

O capítulo quatro conta a história de uma mulher samaritana, simples e pecadora, que nasceu de novo. Apesar de Jesus não ter usado essa expressão quando conversou com ela e falou de suas necessidades, aquela mulher é outro exemplo de alguém que nasceu de novo porque respondeu positivamente a Jesus. Nesse episódio Jesus se apresenta como a Água Viva e afirma que se a mulher tomar “Dessa Água” uma vez, nunca mais terá sede.

Ele também diz à mulher que a Água Viva se tornará como uma fonte em sua vida para outras pessoas. Isso foi cumprido quando ela deu evidências de ter nascido de novo e alcançou os homens de Samaria para Cristo. Ela conheceu as duas mais importantes experiências da vida: nascer de novo e

se tornar um vaso através de quem outros também nasçam de novo.

Considere as respostas que encontramos no capítulo quatro para as nossas três perguntas básicas do estudo. Quem é Jesus? Ele é a Palavra Viva de Deus que se tornou carne e viveu entre nós para que possamos nascer de novo. Ele é Quem pode transformar a água em vinho. Ele é a nossa única esperança de salvação. Ele é a Água Viva que pode saciar nossa sede para toda a vida e nos tornar como uma fonte da qual outros podem beber e nascer de novo.

O que é fé? Fé é a resposta apropriada às alegações de Jesus a respeito de Quem Ele é. Fé é “ir e ver onde, e como Ele vive”. Fé é ouvir e obedecer a Palavra de Deus. A fé é tão simples como tomar água acreditando que ela saciará sua sede. E o que é vida? Vida é experimentar o novo nascimento.

Vida é ter sua água transformada em vinho. Vida é ver e entrar no Reino espiritual de Deus. Vida é beber uma vez da Água Viva e ter a sede saciada por toda a existência e receber uma fonte no seu interior, com a qual outros saciam sua sede espiritual.

As Alegações de Cristo

Os quatro capítulos seguintes deste Evangelho registram um diálogo longo e hostil entre Jesus e as autoridades religiosas. Esse diálogo é interrompido

algumas vezes, outras vezes muda de cenário, mas continua até que alguns desses líderes acabam crendo e outros tentam apedrejar Jesus por blasfêmia; Jesus tinha afirmado ser igual a Deus e ser, de fato, o próprio Deus. Vê-se que Jesus quis gerar uma discussão, e conseguiu a atenção desses líderes religiosos, quebrando a Lei do Sábado.

Ele curou um homem no dia de Sábado no Poço de Betesda, bem próximo ao Templo. Ele ordenou que o homem pegasse sua cama e a carregasse até a frente do Templo. Era contra a Lei de Sábado transportar cargas nesse dia. Essa cura transformou-se no clímax desse diálogo hostil que se estendeu até o final do capítulo oito.

A cura desse homem está na lista que João apresentou, das pessoas que nasceram de novo quando responderam positivamente a Jesus. Nessa ocasião havia uma grande multidão de pessoas doentes e Jesus curou apenas um homem. Talvez Jesus tenha curado aquele homem em particular porque ele tinha desistido do poço e de uma antiga crença supersticiosa a respeito dos poderes sobrenaturais do poço. Nessa história, a fé é o instrumento que nos faz desistir de tudo o que não nos satisfaz plenamente. Jesus inicia o diálogo fazendo afirmações do que O tornam sobrenatural. Ele afirma que Deus submeteu a Ele o julgamento de todas as coisas. Ele diz com ousadia que pode fazer as mesmas coisas que Deus faz. Se você fizer

uma lista de todas as afirmações de Jesus, verá que Ele nos deixa numa posição de crer n'Ele ou apedrejá-Lo, levando-O para fora de nossas vidas para sempre. Parafraseando um escritor inglês, podemos escolher entre considerá-Lo um mentiroso; ser mais brandos e chamá-Lo de lunático ou considerá-Lo nosso Senhor e segui-Lo.

Depois de fazer essas afirmações Jesus ainda declara que os líderes religiosos tinham evidências suficientes para crer n'Ele. Como eles davam todas as honras a Moisés, Jesus afirmou que Moisés escreveu sobre Ele. Eles não puderam negar que João Batista fora um profeta, por isso Jesus cita as afirmações de João a respeito do seu Senhor. Ele cita as palavras do Deus Pai na ocasião do Seu batismo, com o intuito de tornar-se mais convincente no seu testemunho. Jesus também cita alguns textos importantes das Escrituras que testificam d'Ele, para dá veracidade a tudo o que estava afirmando (cf. 5:39, 40).

No capítulo seis, lemos que depois de ter alimentado milagrosamente mais de cinco mil pessoas, Jesus proferiu um dos seus sermões mais importantes. O sermão do Pão da Vida. Quando perguntaram o que Ele fazia, Jesus deu testemunho da Sua obra.

Jesus afirma que as palavras que Ele fala são Espírito e vida, as quais lhes foram dadas por Deus.

Quando o povo responde positivamente a essas palavras, acabam descobrindo que Ele é o Pão da Vida que veio do Céu. No capítulo quatro, Ele é a Água Viva. Nesse capítulo seis Ele é o Pão Vivo.

Muitos discípulos de Jesus recusaram segui-lo depois dessa declaração: *“quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia”* (6:54). Eles não entendiam que poderiam conseguir a vida eterna através do Pão Vivo que é o próprio Jesus. Nesse contexto, Jesus dá uma ótima resposta à nossa pergunta “o que é fé?”. Quando Jesus perguntou a Pedro se ele também O deixaria, Pedro respondeu que, mesmo sem entender, Ele cria. Como Pedro, devemos crer e seguir a Jesus mesmo sem entender.

Na verdade, Jesus estava ensinando que beber e comer eram figuras de fé. Se você bebe um copo de água, sacia sua sede e salva sua vida. Você demonstra que tem fé quando bebe um copo de água.

Você acredita que o pão o impede de morrer de fome e por isso você come. De acordo com Jesus, a fé é um beber e um comer.

Comer Sua carne é crer em tudo que Ele ensinou e fez quando a Palavra se tornou carne. Beber o Seu sangue é crer no significado da morte de Jesus na cruz e que Ele é o Cordeiro de Deus que foi morto. Desse lado da Mesa da Comunhão e da cruz que

ela representa, é muito mais fácil entender essa difícil metáfora. Os apóstolos e discípulos não tinham a visão que hoje nós temos.

No capítulo sete, Jesus afirma que Seu ensino é o ensino de Deus. Quando isso foi questionado, Ele deu outra boa resposta para a pergunta *“o que é fé?”*: *“Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo”* (7:17). Aqueles que buscam o ensino de Jesus com o desejo de praticá-lo, sabem que o Seu ensino é o ensino de Deus. O mundo faz outra abordagem: *“quando eu tiver certeza, então eu faço”*. Para o mundo, o saber leva ao fazer, mas para Jesus o fazer leva ao conhecer.

No capítulo oito lemos qual foi a conclusão desse diálogo. Jesus pregou enfaticamente para os religiosos, afirmando que eles eram filhos do Diabo, escravos do pecado e se não crescem morreriam em seus pecados. Jesus afirmou que Ele era do céu, mas eles eram do inferno e iriam para lá, se não cressem no Seu nome.

Depois que Jesus encerrou esse sermão, muitos líderes religiosos creram (8:30-36). E ao responder à profissão de fé deles, Jesus apresenta as três fases do novo nascimento. Para aqueles que professaram a fé n'Ele Jesus diz que deveriam continuar na Sua Palavra e tornarem-se Seus discípulos verdadeiros; essa é a segunda fase do novo nascimento.

A seguir Jesus descreve a terceira fase do novo nascimento, a promessa da verdadeira liberdade, a partir da permanência na Palavra de Deus, que nos leva a conhecer Aquele que é A Verdade. Sua promessa é liberdade através do novo nascimento (cf. 8:30-36).

Jesus fez sua última declaração neste diálogo quando os judeus que não tinham crido, O acusaram por Ele ter dito conhecer Abraão. Jesus respondeu: “... *antes que Abraão existisse, EU SOU*” (8:58). Nesse momento, tentaram apedrejá-lo. Considere todas estas declarações de Jesus, ore e responda à pergunta que uma vez Jesus perguntou aos Seus apóstolos: “*Mas vós... quem dizeis que eu sou?*” (Mateus 16:15).

O capítulo nove começa com um milagre de cura, seguido de outro sermão de Jesus. De modo geral os pregadores, hoje, primeiro pregam e depois ilustram o que pregaram. Jesus fazia diferente. Ele usou o mesmo procedimento dos profetas, como por exemplo, Jeremias e Ezequiel, que iniciaram seus sermões com atos simbólicos ou pantomima, para atrair a atenção dos seus ouvintes. Jesus deu continuidade ao seu sermão sobre ser a Água Viva, o Pão da Vida e a Luz do Mundo, com episódios que ilustraram sua Mensagem antes dela ser pregada.

Depois de dar a visão a um cego de nascença de quarenta anos, Jesus pregou que Ele é a Luz do

Mundo. Jesus declarou ser um tipo especial de Luz que revelava a cegueira daqueles que achavam que viam e dava visão àqueles que sabiam que eram cegos.

Conta-se que numa explosão de uma mina de carvão, alguns trabalhadores foram resgatados, depois de terem ficado soterrados durante três dias e três noites. Na hora do encontro, um dos mineiros perguntou à equipe de resgate porque não havia ali nenhuma iluminação. Naquele momento todos perceberam que o trabalhador mineiro tinha ficado cego em decorrência da explosão. Ele já estava cego havia três dias, mas só percebeu quando o resgate chegou trazendo iluminação. Jesus alegou ser este tipo de Luz, a Luz do Mundo que dá luz àqueles que estão espiritualmente cegos e revela a cegueira daqueles que não sabem que estão cegos.

Os líderes religiosos entenderam a mensagem de Jesus e perguntaram se Ele estava dizendo que eles eram espiritualmente cegos. Jesus respondeu que se eles fossem cegos, não teriam pecado algum. Mas como eles eram orgulhosos porque podiam ver, não tinham desculpas para os seus pecados. As conclusões teológicas são as seguintes: de acordo com Jesus, se não houver luz, não haverá evidência de pecado e a essência do pecado é a rejeição da Luz (9:40, 41; 15:22).

O capítulo dez é como se fosse a continuação do

Salmo 23 de Davi. Nesse capítulo Jesus declara que é o Bom Pastor sobre quem Davi escreveu. A metáfora que Jesus usou deixa claro que Ele estava livrando da religião formal, os judeus sinceros e tementes, a fim de que eles O seguissem para a salvação. Esta é a aplicação espiritual tirada a partir da cura daquele homem cego que foi expulso da sinagoga por ter professado que Jesus é Senhor.

O capítulo onze deste Evangelho é o capítulo da ressurreição. Essa história mostra como Jesus permitiu que três pessoas passassem pelos dois problemas insolúveis da vida que são enfermidade e morte, por mais que Ele as amasse. Jesus quis que elas aprendessem que Ele próprio é a Ressurreição, a vitória sobre a morte, e a chave da vida eterna. Através da experiência da morte de Lázaro, eles aprenderam que aquele que crê em Cristo e vive em união com Ele nunca morrerá (cf. 11: 25,26). Essa história maravilhosa trouxe inspiração e vida para milhões de pessoas durante os séculos de história da Igreja.

O capítulo doze divide o Evangelho de João em duas partes. Quase metade dos capítulos deste Evangelho refere-se aos primeiros trinta e três anos de vida de Cristo, enquanto a outra metade refere-se à Sua última semana de vida. Por todo o Evangelho encontramos a frase *“ainda não é chegada a minha hora”*. Neste capítulo temos essa oração de Jesus: *“Agora, está angustiada a mi-*

nha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora...Então, veio uma voz do céu: Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei.” (12:27,28).

Então Jesus se retirou para a Ceia com os doze apóstolos, quando aconteceu o que eu gosto de chamar de “O Último Retiro Cristão”. Jesus começou o seu ministério com “O Primeiro Retiro Cristão” quando ensinou o Sermão do Monte e recrutou os apóstolos.

Durante três anos ensinou-os e treinou-os e agora, durante esse último retiro, aconteceria a “formatura” daqueles três anos de seminário.

Foi nesse cenário que Jesus pronunciou o Seu sermão mais longo chamado “O Sermão da Santa Ceia”, registrado nos capítulos 13 a 16 deste Evangelho. Alguns estudiosos consideram como parte desse sermão, também o capítulo 17, onde Jesus fez a oração pelos apóstolos e por aqueles que viriam a crer nEle, isto é, por você e por mim.

Na verdade, este sermão foi um diálogo entre Jesus e os apóstolos. Foi a resposta de Jesus às perguntas que eles lhe tinham feito. No capítulo 13 lemos que Jesus iniciou sua pregação com um ato simbólico, lavando os pés dos discípulos. Lucas conta que a caminho da Última Ceia, os apóstolos discutiram sobre quem seria o maior no Reino

de Jesus (cf. Lucas 22:24-30). O fato de Jesus, o Mestre e Senhor, lhes ter lavado os pés numa atitude humilde e subserviente deve ter-lhes causado um forte impacto.

Quando Jesus acabou de lhes lavar os pés, perguntou: *“Compreendeis o que fiz?”* (13:12b). Esta pergunta foi respondida no capítulo em que lemos: *“tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”* (13:1b). Jesus fez a aplicação: *“Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vos também”* (13:15).

Mais tarde Jesus realmente respondeu a essa questão e fez outra aplicação: *“Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como vos amei, que também vos amei uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros”* (13:34,35).

Ele tinha amado aqueles homens durante três anos de uma maneira que eles nunca tinham sido amados antes. Estavam todos reunidos naquela Ceia porque Ele os tinha amado e eles estavam dando o melhor deles para retribuir aquele amor. Todos eles tinham se comprometido com Cristo naquela última reunião antes da Sua morte. Eles assumiram um novo compromisso; compromisso um com o outro, que deu origem a uma nova comunidade que veio a se tornar a Igreja de Cristo. Jesus queria que essa nova comunidade fosse feita de pessoas que amavam umas

às outras, que fosse uma colônia do amor.

No capítulo quatorze Jesus fez o sermão fúnebre, adiantando Sua morte. Ele disse que estava partindo, referindo-se à sua morte, mas que seus corações não deveriam ficar perturbados, porque Ele estaria lhes preparando um lugar. Seus corações não deveriam ficar perturbados porque haveria Alguém que os consolaria. E por causa desse Consolador, eles teriam sempre uma Paz sobrenatural nos seus corações, que Jesus chama de “Minha Paz”.

Jesus também os consolou dizendo que depois da Sua morte a comunhão entre eles seria ainda maior. Ele disse que a chave para esse relacionamento seria a obediência aos Seus ensinamentos e a atuação do Espírito Santo que iria tornar possível uma intimidade entre eles e o Salvador ressuscitado. A chave das Suas Palavras e das Suas obras tinha sido Sua intimidade com o Pai e a chave para as palavras e as obras dos apóstolos seria a intimidade deles com Jesus, através do Consolador, o Espírito Santo (10:30; 14:22, 23).

Depois de ensinar essas coisas, Jesus os levou para o jardim onde fez Seu discurso de formatura. Ele pegou uma videira com galhos cheios de frutos que usou como ilustração para reforçar o ensino que já tinha dado, dessa fez com uma metáfora muito profunda. Depois de dizer que os frutos cresceriam em abundância nos ramos porque estes

estavam ligados à videira, Ele os exortou a se manterem ligados n'Ele e prometeu que assim eles seriam frutíferos.

A seguir Jesus apresentou seis razões por que eles deveriam ser frutíferos. Eles deveriam ser frutíferos porque é dessa forma que mostrariam ao mundo que eram Seus discípulos. Eles deveriam ser frutíferos porque assim glorificariam a Deus e isso lhes traria grande alegria. Jesus os escolheu e os ordenou que fossem frutíferos porque só assim, através deles, o mundo seria alcançado. (15:1-16).

Existe um poema que fala de Jesus sobre uma nuvem depois de sua morte e ressurreição. Fala da Sua vida e obra com os anjos, inclusive do Seu plano para alcançar o mundo através dos apóstolos. Um dos anjos pergunta a Jesus o que Ele fará se os apóstolos não alcançarem o mundo. E Jesus responde: "Não tenho outro plano!".

A última razão por que os apóstolos devem produzir frutos é porque Jesus é a Videira e eles são os ramos dessa videira. Esta é uma exortação para ser frutífero e o discurso de formatura para os apóstolos, que apresenta Cristo como Ele era e como ainda é hoje: a Videira a procura de ramos.

No capítulo dezesseis, Jesus prometeu enviar o Espírito Santo, que Ele chama de o Consolador. Jesus apresenta a natureza e a função do ministério do

Espírito Santo. Este capítulo foi literalmente cumprido no Dia do Pentecostes.

No capítulo dezessete Jesus ora pelos apóstolos. Em todo o Evangelho de João, Jesus fez referência à obra que deveria cumprir. Quando estudamos esta oração percebemos com clareza que os apóstolos foram uma das obras mais importante de Jesus. Na primeira parte da oração, Jesus ora pela Sua própria obra e declara que Ele glorificou o Pai terminando a obra da qual o Pai o tinha incumbido.

Depois ora pela obra dos apóstolos, nos quais Ele investiu durante os três anos do Seu ministério. A última parte dessa oração é por aqueles que crerão nas Boas Novas através dos apóstolos. Isso quer dizer que Jesus estava orando pela Sua Igreja. Ele orou para que Seus discípulos vivessem em unidade com Ele e uns com os outros, para que o mundo saiba e creia que Deus os ama tanto quanto ama Seu filho.

No capítulo vinte encontramos alguns versículos que, junto com o conceito transmitido na oração de Jesus, constituem, a versão de João, da Grande Comissão (cf. 20:21). Por fim, Jesus ora para que o Pai não tire os apóstolos ou Sua Igreja deste mundo, porque assim como o Pai O enviou a este mundo, Ele também os enviou, para buscar e salvar o perdido (cf. 17:18).

Epílogo

Muitos estudiosos acreditam que o Evangelho de João termina no versículo 31 do capítulo 20 e que o capítulo 21 é um pós-escrito. Neste capítulo epílogo Jesus aparece a sete dos doze apóstolos, inclusive Pedro, e declara que Ele não os comissionou para pescar peixes, mas sim para pescar homens! (cf. 21:1-14).

Esses apóstolos tinham estado envolvidos numa pescaria noturna infrutífera. De onde estava, na praia, o Jesus ressuscitado disse que eles jogassem as redes do outro lado do barco. Assim que puxaram as redes cheias de peixes, João soube que o Estranho na praia era o Senhor.

Essa foi outra aparição de Jesus, na qual Ele não foi reconhecido pelos discípulos que O conheciam e O amavam (cf. Lucas 24:30, 31). Aquela foi uma pesca sobrenatural através da qual eles perceberam que aquele Estranho na praia era o Senhor. Quando Pedro reconheceu o Senhor, imediatamente mergulhou na água e nadou em direção à praia. O Senhor serviu a eles um café da manhã composto de peixe e pão que Ele mesmo já tinha preparado.

Jesus teve uma conversa intrigante com Pedro nessa ocasião. Mostrou-lhe quem era o principal líder da Igreja e ainda lhe ensinou outras três lições primordiais sobre pescar homens, conforme vimos

no estudo do Livro de Lucas, numa conversa entre Jesus e Pedro (cf. Lucas 5:1-11). Poderíamos dizer que nessa conversa Jesus estava transformando um ninguém em alguém (cf. 21:15-17).

Desde o dia em que se conheceram, Jesus ensinou Pedro essas três lições: que ele era ninguém, que ele era alguém e o que Jesus pode fazer com alguém que sabe que é ninguém. Pedro ouviu essa lição desde o momento em que conheceu Jesus até o momento em que, depois de negar o Senhor três vezes, saiu correndo no meio da escuridão para chorar amargamente.

Nessa conversa Jesus estava tentando ensinar a Pedro a segunda lição: que ele era alguém. No dia do Pentecostes, Pedro, a Igreja e todo o mundo aprenderam a terceira lição: o que o Cristo vivo e ressurreto pode fazer com alguém que aprendeu que é ninguém.

Havia sete homens na praia, naquela manhã que também estavam presentes na Ceia quando Pedro gabou-se de que amava o Senhor mais do que os outros. Na presença daqueles sete homens, Jesus iniciou um diálogo muito profundo com Pedro. Existem várias interpretações do profundo significado das perguntas e respostas que Pedro e Jesus trocaram nessa conversa. Uma possibilidade é que Jesus estivesse perguntando a Pedro se ele realmente amava o seu Senhor mais do que aqueles

outros homens presentes naquele café da manhã servido por Jesus na praia.

Outra interpretação é que Jesus estava perguntando a Pedro se ele realmente amava o seu Senhor mais do que amava aqueles peixes que tinha acabado de pescar ou o seu negócio de pescaria. Como já vimos antes, em outra conversa que Pedro teve com o Senhor Jesus, Ele o tinha chamado para “pescar homens”, mas Pedro ainda estava tentando pescar peixe (cf. Lucas 5:1-11).

Para compreender melhor a profundidade e a importância desse diálogo travado entre Jesus e Pedro, é crucial que compreendamos o significado das palavras proferidas na língua original. Quando Jesus perguntou a Pedro, na presença daqueles sete homens, se ele amava ao seu Senhor mais do que aqueles Jesus usou a palavra grega “ágape”.

Isso quer dizer que Jesus estava perguntando a Pedro se o seu amor pelo seu Senhor envolvia um compromisso pleno e incondicional (cf. I Coríntios 13:4-7). Quando Pedro respondeu que amava o Senhor, usou a palavra grega “phileo”, que significa um amor de uma amizade simples e superficial.

Jesus perguntou pela segunda vez se ele realmente amava o Senhor e mais uma vez usou a palavra “ágape”. Só que dessa vez Jesus não perguntou se Pedro O amava mais do que os outros apósto-

los. Pedro respondeu novamente usando a palavra “phileo”. Ele confessou mais uma vez que seu amor por Jesus era apenas um amor de amigo.

Jesus perguntou pela terceira vez se Pedro O amava e usou a palavra “phileo”. Dessa vez Jesus perguntou se Pedro o amava como a um amigo. É possível que Pedro tenha ficado sentido e respondeu: “Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que te amo” (21:17) e, pela terceira vez, usou a palavra “phileo”. Pedro estava dizendo para Jesus: *“O Senhor sabe que, pelo menos, sou seu amigo”*.

Esse estudo da palavra grega mostra que Pedro estava quebrantado. Ele não estava mais se gabando como tinha feito por ocasião da Última Ceia. Desta vez ele estava confessando e vivendo as duas primeiras bem-aventuranças; ele estava lamentando porque sabia que era pobre de espírito.

Esse diálogo entre Jesus e Pedro é muito comovente. Cada vez que Pedro confessou seu amor inferior pelo Senhor, em resposta à sua transparente confissão o Senhor o comissionou para cuidar e pastorear Suas ovelhas. O Grande Pastor de ovelhas declarou claramente que Ele queria um homem que já tivesse experimentado o fracasso no pastoreio e no cuidado de Suas ovelhas. Com certeza o Senhor não queria um pastor perfeccionista, insensível e exigente para com Suas ovelhas.

Por que no Dia do Pentecostes o Cristo ressurreto veio com tão grande poder sobre esse homem Pedro? Quando compreendemos a força daquela conversa na praia, naquela manhã, temos a resposta para esta pergunta. Mais do que qualquer outro apóstolo, Pedro tinha aprendido o que Cristo queria fazer através de alguém que tivesse aprendido que era ninguém.

Jesus ensinou outra lição vital sobre a vontade de Deus para a vida de seus discípulos (21:18-23). Pedro sempre se gabou do fato de estar disposto a morrer por Jesus. No último capítulo deste Evangelho, vemos que o Jesus ressurreto decidiu contar a Pedro como ele morreria. Se os dados históricos forem mesmo precisos, o que Jesus disse a Pedro foi que ele teria o privilégio de morrer crucificado de cabeça para baixo pelo seu Senhor.

Quando Pedro ouviu isso, demonstrou o seu lado humano e apontando para João, que era o seu sócio no negócio de pescaria, perguntou a Jesus: *“E quanto a este?”*. Pedro queria saber como João morreria. Jesus respondeu que ele não tinha nada a ver como João morreria; não era da sua conta: *“Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me”* (21:22).

Deus, em sua providência, nos fez diferentes e únicos e através da salvação recuperamos a identidade única. Por que então comparamos a vontade de

Deus para a nossa vida e para a vida dos outros?

Na aparição depois de Sua ressurreição, Jesus deixou bem claro para os apóstolos que eles deveriam ser pescadores de homens. Jesus também os exortou para que pastoreassem e cuidasse das ovelhas perdidas que seriam alcançadas através da grande colheita que aconteceria.

O diálogo com Pedro serviu para que Jesus desafiasse os apóstolos a descobrirem a vontade de Deus para suas vidas e o papel que Jesus tinha para cada um deles no ministério de colheita e pastoreio que se iniciou no dia do Pentecostes com o nascimento da igreja.

O último capítulo de João é como uma sinfonia de três movimentos. O primeiro movimento é um desafio de Jesus para que os apóstolos se envolvessem na grande colheita que estava chegando e para que não deixassem de jogar a rede. O segundo movimento é o desafio do Senhor para Pedro e para os sete apóstolos, para que se envolvessem no cuidado e pastoreio daqueles que viriam como resultado da colheita. O terceiro movimento é dirigido a eles, e por extensão a nós também, para que descubramos a vontade de Deus para nossas vidas a fim de cumprirmos o nosso papel na Grande Comissão.

Quando os autores dos três primeiros Evangelhos relataram a morte de Cristo na cruz, eles escreve-

ram simplesmente: “O Crucificaram”. Cerca de metade dos capítulos do Evangelho de João são dedicados à última semana de vida de Jesus e à sua morte e ressurreição. Este Evangelho oferece a maior cobertura desses importantes acontecimentos na vida de Cristo. Como já expliquei antes, existem mais outras seis apostilas referentes a mais de cem programas de rádio sobre o Evangelho de João. Nessas apostilas vocês encontrarão um comentário mais extenso sobre a visão de João a respeito da morte e da ressurreição de Jesus Cristo.

Eu finalize este breve estudo do Evangelho de João com um desafio. Depois de ler todo este Evangelho, reflita sobre todos os retratos de Cristo e pergunte a você mesmo quem é Jesus e o que é fé? Depois ore para que, pela fé, você conheça o Senhor Jesus; conheça o Jesus sobre quem estudamos nesse Evangelho. Se você O Conhecer pela fé, terá vida eterna, porque, como um ramo em união vital com a Videira, você terá comunhão com o Cristo vivo e ressurreto, que é Eterno.

Um discípulo do Cristo ressurreto que tem esse tipo de comunhão com Ele, testemunha a visão moderna e liberal de Cristo: *“Eu creio que Ele é, ao mesmo tempo em que tantos não sabem nem quem Ele foi. E enquanto eles não sabem nada sobre o que Ele fez, eu sei o que Ele ainda faz”*. Outro discípulo afirmou: *“O Cristo ressurreto é quem Ele diz que é, e pode fazer qualquer coisa que ele afirma que*

faz. Você é quem Ele diz que você é e você pode fazer qualquer coisa que Ele diz que pode, por causa do que Ele é, e porque Ele está com você”.

Foi isso o que Pedro aprendeu com o seu Senhor na praia naquela manhã. Depois de ter compartilhado o meu Evangelho preferido, oro de coração para que você aprenda quais são os valores eternos, e experimente a vida eterna.